



CETADER

CENTRO EDUCACIONAL TEOLÓGICO
DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS
NO BRASIL



TEOLOGIA SISTEMÁTICA I

TEOLOGIA SISTEMÁTICA I

Bibliologia

Pr **Ciro Sanches Zibordi**
(Compilado)

Copyright © 2010 by **Ciro Sanches Zibordi**

Publicado no Brasil com a devida autorização e com
todos os direitos reservados a Denobi e Acioli
Empreendimentos Educacionais.

O conteúdo dessa obra é de inteira responsabilidade
do autor.

Pastor Digital
O Conhecimento Passa por Aqui



5ª Edição – Fev/2016

DIRETORIAS E CONSELHOS

Diretor

Pr Hércules Carvalho Denobi

Vice-Diretora

Eliane Pagani Acioli Denobi

Conselho Consultivo

Pr Daniel Sales Acioli – Apucarana-PR

Pr Perci Fontoura – Umuarama-PR

Pr José Polini – Ponta Grossa-PR

Coordenação Teológica

Pr Genildo Simplício – São Paulo-SP

Dc Márcio de Souza Jardim – Guaíra-PR

Assessoria Jurídica

Dr Mauro José Araújo dos Santos – Apucarana-PR

Dr Carlos Eduardo Neres Lourenço – Curitiba-PR

ABREVIações

a.C. – antes de Cristo.

ARA – Almeida Revista e Atualizada

ARC – Almeida Revista e Corrigida

AT – Antigo Testamento

BV – Bíblia Viva

BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje

c. – Cerca de, aproximadamente.

cap. – capítulo; caps. – capítulos.

cf. – confere, compare.

d.C. – depois de Cristo.

e.g. – por exemplo.

Fig. – Figurado.

fig. – figurado; figuradamente.

gr. – grego

hb. – hebraico

i.e. – isto é.

IBB – Imprensa Bíblica Brasileira

Km – Símbolo de quilômetro

lit. – literal, literalmente.

LXX – Septuaginta (versão grega do AT)

m – Símbolo de metro.

MSS – manuscritos

NT – Novo Testamento

NVI – Nova Versão Internacional

p. – página.

ref. – referência; refs. – referências

ss. – e os seguintes (isto é, os versículos consecutivos de um capítulo até o seu final. Por exemplo: 1Pe 2.1ss, significa 1Pe 2.1-25).

séc. – século (s).

v. – versículo;

vv. – versículos.

ver - veja

NOSSO CREDO

-  Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: O Pai, Filho e o Espírito Santo. (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29).
-  Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (2Tm 3.14-17).
-  Na concepção virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus (Is 7.14; Rm 8.34 e At 1.9).
-  Na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurá-lo a Deus (Rm 3.23 e At 3.19).
-  Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3.3-8).
-  No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26 e Hb 7.25; 5.9).
-  No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6 e Cl 2.12).
-  Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo (Hb 9.14 e 1Pe 1.15).

-  No batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7).
-  Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade (1Co 12.1-12).
-  Na Segunda Vinda premilenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira - invisível ao mundo, para arrebatá-la a sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; segunda - visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1Ts 4.16. 17; 1Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 14).
-  Que todos os cristãos comparecerão ante o Tribunal de Cristo, para receber recompensa dos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra (2Co 5.10).
-  No juízo vindouro que recompensará os fiéis e condenará os infiéis (Ap 20.11-15).
-  E na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis (Mt 25.46).

Convenção Geral das Assembléias de Deus do Brasil - CGADB



SUMÁRIO

LIÇÃO I – A BÍBLIA	9
ATIVIDADES – LIÇÃO I	36
LIÇÃO II – O CÂNON DA BÍBLIA	37
ATIVIDADES – LIÇÃO II	47
LIÇÃO III – INSPIRAÇÃO BÍBLICA.....	49
ATIVIDADES – LIÇÃO III	66
LIÇÃO IV – REVELAÇÃO BÍBLICA	69
ATIVIDADES – LIÇÃO IV	106
LIÇÃO V – PRESERVAÇÃO E TRADUÇÃO BÍBLICA	107
ATIVIDADES – LIÇÃO V	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120

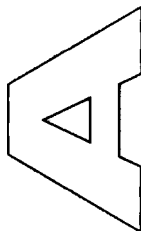
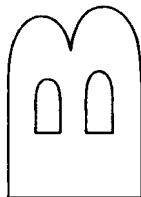
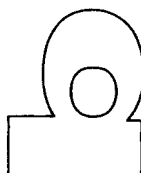
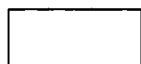


Anotações:

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Lição I

Pastor Digital
O Conhecimento Passa por Aqui



INTRODUÇÃO

Certo bibliófilo, nos momentos finais de sua vida, surpreendeu a todos com uma insistente petição:

– Tragam-me o livro!

Este amante dos livros, principalmente os raros e preciosos, possuía uma grande biblioteca, deixando os seus filhos confusos ao redor do leito.

– Que livro, papai?

Trouxeram-lhe várias obras de escritores famosos, como Ernest Hemingway, Leon Tolstoi e William Shakespeare, mas ele respondia, teimosamente:

– Não é este! Tragam-me o livro!

Após diversas tentativas frustradas, seus filhos lhe disseram que não podiam cumprir o seu último desejo. Ele, então, esforçando-se ao extremo, esbravejou:

– Ora, vocês conhecem outro livro além da Bíblia Sagrada?

Basta visitar uma grande feira, como a Bienal do Livro, para perceber que Salomão não exagerou quando disse “... não há limite para fazer livros” (Ec 12.12).

Volumes e mais volumes são publicados a cada ano, e sempre há espaço para mais um! Obras e autores

surgem e desaparecem. Mas a Bíblia, através dos séculos, continua sendo “O Livro”.

Nenhuma obra é capaz de transformar a vida das pessoas como a Bíblia. Nela há mensagens para pessoas de diferentes povos, nas circunstâncias e faixas etárias mais variadas. Sua mensagem se aplica a qualquer grupo étnico e a quaisquer classes sociais. Ela é a fonte primária de informação sobre Jesus e tudo o que abraçamos como elementos de nossa fé.

Por que a Bíblia é tão eficaz? Por que alcança tantas pessoas e as convence de que precisam mudar de vida? O que há de especial neste Livro? Afinal, o que ele representa para humanidade?

Durante a Segunda Guerra Mundial, quando milhares de evangélicos alemães apostatavam da fé para seguir o nacional-socialismo de Adolf Hitler, um corajoso homem de Deus se levanta e, ousadamente, desafia a suástica. Ele sabia que o seu gesto acabaria por custar-lhe a vida. No entanto, não a tinha por preciosa aos seus olhos; estava disposto a morrer pela santíssima fé.

À semelhança de Martinho Lutero, era Dietrich Bonhoeffer íntimo da Bíblia Sagrada. Certa feita, ele advertiu solene e severamente aos seus contemporâneos: “Não tente tornar a Bíblia importante; ela já é importante em si mesma”.

No Brasil, com o avanço do liberalismo teológico em faculdades e seminários outrora ortodoxos, a doutrina da Bíblia nunca se fez tão necessária. Pois não são poucos os teólogos que não mais a defendem como a Palavra de Deus inspirada e inerrante.

Neste livro, entraremos a ver o que é realmente a Bíblia, sua autoria e outros pontos de igual importância, que nos ajudarão a compreender por que as Sagradas Escrituras são o Livro dos livros. Apesar de sua antiguidade, a Bíblia continua tão atual quanto o foi nos dias de Moisés, Jeremias e Paulo. Ela dá testemunho acerca de Cristo e testifica que Ele é, de fato, o Filho de Deus.

Durante o ministério terreno de Nosso Senhor, as Escrituras do Antigo Testamento eram conhecidas, genericamente, como a Lei, os Escritos e os Profetas. Vieram, então, as Escrituras dos apóstolos, igualmente inspiradas pelo Espírito Santo. Como denominar, pois, ambos os testamentos? Alguns pais da igreja cognominavam-nos de Divina Literatura.

Faltava, porém, uma palavra técnica que viesse a dar uma visão exata do significado das Escrituras do Antigo e do Novo Testamento. Era necessário, pois, denominar o conjunto dos pequenos livros que formavam a Palavra de Deus. Foi assim que a palavra *Bíblia* começou a popularizar-se.

A BÍBLIA

I – O QUE É A BÍBLIA

Se alguém te dissesse que leva uma biblioteca em suas mãos, você acreditaria? Acredite! Pois a Bíblia é formada por 66 livros que cabem na sua mão! Não é por acaso que o próprio Livro Santo diz: “E o terá consigo e nele lerá todos os dias da sua vida...” (Dt 17.19); “A palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração...” (Rm 10.8).

1.1 - O Significado Da Palavra “Bíblia”

Originário do grego, o termo “Bíblia” significa “livros”, ou “coleção de pequenos livros”. Atribui-se a João Crisóstomo a disseminação do uso desse vocábulo para se referir à Palavra de Deus. No Ocidente, a palavra em questão foi introduzida por Jerônimo — tradutor da *Vulgata* —, o qual, costumeiramente, chamava o Sagrado Livro de Biblioteca Divina.

A palavra *bíblia* é o plural de *biblos*. Os gregos assim chamavam os rolos, nos quais escreviam as suas obras, numa clara referência ao centro produtor desse material — a cidade de Biblos, localizada na costa mediterrânea ocupada hoje pelo Líbano.

Desde João Crisóstomo e Jerônimo, os livros do Antigo e do Novo Testamentos passaram a ser universalmente conhecidos como a Bíblia, na qual judeus e cristãos baseamos a nossa fé. Os primeiros reconhecem apenas a primeira parte das Escrituras — o Antigo Testamento; os segundos consideram tanto a sua primeira quanto a sua segunda parte como a palavra inspirada, inerrante e infalível de Deus.

1.2 – A Bíblia é uma Biblioteca

Bíblia significa, como vimos, literalmente, biblioteca. Deriva de *biblos*, termo grego empregado para representar uma folha de papiro ou pergaminho. Diversas dessas folhas formam um rolo (*biblion*), e vários rolos constituem uma biblioteca — *Bíblia*, nome dado às Escrituras Sagradas a partir do século II.

O nome “bíblia” consta apenas na capa, não no volume. Foi aplicado por João Crisóstomo, grande reformador de Constantinopla. Os vocábulos *bíblia* e *biblion* aparecem no Novo Testamento, mas não se referem especificamente ao volume sagrado (Cf. Jo 21.25; 2Tm 4.13; Lc 4.17; Jo 20.30).

Antes do papel, as Escrituras eram preparadas em, pelo menos, dois tipos de material: o papiro e o pergaminho. O primeiro é uma planta que cresce junto a rios e lagos, cujo caule servia, após certa preparação, para a escrita (Cf. Êx 2.3; Jó 8.11; Is 18.2). E o pergaminho é a pele de determinados animais especialmente preparada para escrever (2Tm 4.13). O papel só começou a ser utilizado no século XII.

Os arqueólogos descobriram outros materiais em que as letras sagradas eram impressas, como pedras e objetos de cerâmica. Um exemplo disso foi a recente descoberta de um ossário de quase dois mil anos, em pedra calcária, com a inscrição em aramaico: “Tiago, filho de José, irmão de Jesus”. Para os arqueólogos, este artefato é a maior prova da existência de Jesus.

Escrita em um período de 16 séculos por cerca de 40 autores, a Santa Biblioteca é formada por duas partes: o Antigo e o Novo Testamento. Ela é conhecida por vários nomes:

- ✓ *Escrituras* (Mt 21.42);
- ✓ *Livro do Senhor* (Is 34.16);
- ✓ *Palavra de Deus* (Mc 7.13; Hb 4.12);
- ✓ *Oráculos de Deus* (Rm 3.2) etc;
- ✓ No Salmo 119, o salmista chamou-a, ainda, de:
 - *lei* (vv. 1,18);
 - *mandamentos* (vv. 19,21);
 - *testemunhos* (vv. 22,24);

- *estatutos* (vv. 23,26);
- *juízos* (vv. 20,30);
- e *preceitos* (vv. 15,27).

II - O ANTIGO TESTAMENTO

A Bíblia judaica, escrita em hebraico, só tem o Antigo Testamento, que se divide em três seções: *Torá* (A Lei), *Neviim* (Os Profetas) e *Ketuvim* (Os Escritos).

Ela contém apenas 24 livros em razão de alguns grupos de livros serem contados como um só e classificados nas três seções mencionadas.

Jesus falou dessas três partes em Lucas 24.44.

Conhecida como Pentateuco, A Lei, juntamente com Os Profetas, foram escritos antes do exílio na Babilônia, que começou em 605 a.C..

Os Escritos foram redigidos depois desse período, que perdurou até 538 a.C., quando Ciro promulgou um decreto de libertação.

Uma obra indispensável para uma melhor compreensão do Velho Testamento é a *História de Israel*, de Eugene H. Merrill (CPAD).

Na Bíblia usada pelos evangélicos, o Antigo Testamento apresenta 39 livros, organizados em quatro seções:

SEÇÕES DO AT	LIVROS DO AT
<i>Lei ou Pentateuco – os 5 livros de Moisés</i>	<i>Gênesis a Deuteronômio</i>
<i>História – 12 livros</i>	<i>Josué a Ester</i>
<i>Poesia – 5 livros</i>	<i>Jó a Cantares</i>
<i>Profecia – 17 livros</i>	<i>Isaías a Malaquias</i>

Jesus é o tema central das Escrituras e aparece em todos os seus livros, direta ou indiretamente. No Antigo Testamento há várias profecias messiânicas (Dt 18.15-18; Jó 19.25; Sl 22.1,16; Is 9.6 etc.), que se cumprem nas páginas do Novo Testamento. Existem também vários outros elementos cristológicos, como veremos a seguir.

Em Gênesis, há algumas cristofanias (aparições de Cristo em forma humana ou angelical), como no capítulo 18, em que um dos três anjos descritos parece ser o Senhor (v. 17).

O versículo 22 não deixa dúvidas de que o personagem era divino: “Então viraram aqueles varões [dois anjos] o rosto dali e foram-se para Sodoma; mas Abraão ficou ainda em pé diante da face do Senhor”.

Outras cristofanias aparecem ao longo do Antigo Testamento. Em Gênesis 32, Jacó lutou com um varão, um anjo considerado Deus, que lhe disse: “Não se chamará mais o teu nome Jacó, mas Israel; pois como príncipe lutaste com Deus...” (v. 28). Depois dessa maravilhosa experiência, o patriarca declarou: “Tenho visto a Deus face a face, e a minha alma foi salva” (v. 30).

No começo dos livros históricos, é mencionado o cristofânico Príncipe do Exército do Senhor (Js 5.13-15), bem como o anjo cujo nome era Maravilhoso (Jz 13; Cf. Is 9.6). Na parte profética, nos deparamos com a passagem de Daniel 3.24-26. Seria o quarto homem da fornalha um mero anjo? Ou seria uma manifestação cristofânica?

Além das cristofanias, Jesus é apresentado no Velho Testamento através de figuras, tipos e símbolos:

O carneiro substituto (Gn 22), que morreu no lugar de Isaque, tipificando Jesus.

A vida de José (Gn 37–50), o mais perfeito tipo humano de Cristo.

O cordeiro pascoal de Êxodo 12 e o cordeiro mudo de Isaías 53, tipo e símbolo de Cristo, respectivamente (Jo 1.29; 1Pe 1.18,19).

A rocha ferida (Êx 17.1-7; Nm 20.10,11), segundo Paulo e Pedro, um tipo de Cristo (1Co 10.4; 1Pe 2.4).

O tabernáculo (Êx 25.8,9), cuja aplicação cristológica é descrita detalhadamente em Hebreus (Cf. 9.8,9; 10.19,20).

III - O NOVO TESTAMENTO

Menor, mas igualmente importante ao Antigo Testamento, a parte neotestamentária, escrita em grego, apresenta 27 livros, dispostos da seguinte maneira:

SEÇÕES DO NT	LIVROS DO NT
<i>Biografia de Cristo – os 4 evangelhos.</i>	Mateus a João.
<i>História – 1 livro.</i>	Atos dos Apóstolos.
<i>Ensino – 21 livros.</i>	Romanos a Judas.
<i>Profecia – 1 livro.</i>	Apocalipse

Ao estabelecer uma conexão com a primeira parte das Escrituras, que mostra a preparação para a chegada do Messias, vemos que o Novo Testamento trata da manifestação do Cristo (Evangelhos), da propagação de seu Evangelho (Atos), da explicação de sua doutrina (Epístolas) e da consumação de todas as coisas relativas a ele (Apocalipse).

A segunda parte da Bíblia Sagrada começa e termina com o nome de Jesus (Mt 1.1; Ap 22.21), bem como registra as várias menções do Senhor ao Antigo Testamento (Mt 4.1-11; 4.4-13; Lc 11.51; Jo 3.14; 6.31; 8.56; Mt 19.4; 22.43 etc.), inclusive a sua ênfase de que nada passaria da lei até que tudo se cumprisse (Mt 5.17-20; Jo 10.35; Lc 24.44).

Haja vista ser Jesus Cristo a Palavra viva (Jo 1.1,14; Ap 19.13) e a Bíblia Sagrada, a escrita, não há como dimensionar a riqueza cristológica encontrada no Novo Testamento, a começar pelos Evangelhos.

Estes apresentam uma biografia rica em detalhes, enfatizando a realeza, a natureza sacrificial, a perfeita humanidade e, sobretudo, a divindade do Filho de Deus.

O livro de Atos dos Apóstolos é uma espécie de elo entre os Evangelhos e as Epístolas, mostrando como a mensagem de Cristo foi propagada, no poder do Espírito Santo (1.8).

Já as Epístolas pormenorizam a doutrina de Cristo, apresentando registros de homens santos de Deus (2Pe 1.21), como Paulo e Pedro.

Mas é em Apocalipse que encontramos a consumação de todas as verdades proferidas por Jesus no conhecido sermão profético, descrito amiúde em Mateus e Lucas.

Como disse o pastor Antonio Gilberto: “Contém o livro a última mensagem de Jesus à Igreja, uma mensagem referente à sua volta (...). Daí dizer-se que nos Evangelhos somos levados a *crer* em Cristo; nas Epístolas somos levados a *amá-lo*; e no Apocalipse somos levados a *esperá-lo*” (*Daniel e Apocalipse*, CPAD, p. 86).

IV - PARTICULARIDADES DA BÍBLIA

A Bíblia foi o primeiro livro impresso, em 1455, na Alemanha, por Johannes Gutenberg. Tal impressão revolucionou a indústria gráfica do século XV, haja vista ser a primeira vez em que se utilizou tipos móveis metálicos na impressão de textos.

Até então, por causa do moroso processo de compilação, as tiragens eram mínimas. A Bíblia de Gutenberg tinha 1.282 páginas de 42 linhas cada uma.

A divisão de capítulos das Escrituras foi realizada em 1250, e a de versículos, entre 1445 e 1551. O primeiro exemplar dividido em capítulos e versículos foi publicado em 1555. Imagine como seria um exemplar sem essas divisões!

A Bíblia completa pode ser lida em 70 horas e 40 minutos, na cadência de leitura de púlpito. O Antigo Testamento leva 52 horas e 20 minutos, e o Novo, 18 horas e 20 minutos.

O Antigo Testamento contém 23.214 versículos inseridos em 929 capítulos. E o Novo, 7.959 versículos contidos em 260 capítulos.

No total, são 1.189 capítulos, 31.173 versículos, 773.693 palavras e 3.566.480 letras.

Deus é mencionado nas páginas sagradas cerca de 8.000 vezes.

Os números 3 e 7 são os mais frequentes em todas as Escrituras. Em geral, representam a Trindade e a perfeição da obra divina.

O maior versículo é Ester 8.9, e o menor, Lucas 20.30. Isso pode variar de acordo com a tradução empregada.

Para este livro, foi utilizada a *Bíblia de Estudo Pentecostal*, da CPAD, Revista e Corrigida. Em outras traduções encontraremos o menor versículo em João 11.35.

Ester e Cantares não contêm a palavra “Deus”, embora a operação dEle esteja implícita nesses livros. Em Cantares 8.6, Deus é apresentado como “Senhor”.

Um versículo que contém todas as letras do alfabeto português é Esdras 4.2. Confira!

O livro de Isaías é uma miniatura da Bíblia, com os seus 66 capítulos. A primeira seção tem 39 capítulos, e a segunda, 27. Assim como o Novo Testamento termina mencionando o novo céu e a nova terra, isto ocorre em Isaías 66.22. O nome do profeta se assemelha ao de Jesus, significando salvação.

O maior e o menor capítulos da Bíblia estão no livro de Salmos: o 119 e o 117 respectivamente.

O salmo 119 possui, em hebraico, 22 seções de 8 versículos cada (o número 22 corresponde ao de letras do alfabeto hebraico!). Cada uma das seções inicia com uma letra do alfabeto, e cada versículo, com a letra da respectiva seção. Seria isso obra do acaso?

O capítulo que está no meio das Escrituras é o salmo 118. Há 594 capítulos antes deste salmo e 594 depois! Este número multiplicado por 2 é igual a 1188. Curiosamente, o versículo que está no centro da Bíblia é Salmos 118.8! E este versículo diz: “É melhor confiar no SENHOR do que confiar no homem”.

Confiemos, pois, no Autor do Livro dos livros!

V - AUTORIA DA BÍBLIA

A Bíblia Sagrada é um livro de dupla autoria. Se, por um lado, foi inspirada por Deus; por outro, não podemos nos esquecer de ter sido ela escrita por homens que estiveram sob a inspiração e supervisão do Espírito Santo:

Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração, sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca, jamais, qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo (2Pe 1.19-21, ARA).

É por isso que, ao lermos as Sagradas Escrituras, ouvimos Deus nos falar de maneira única e singular pelos lábios dos santos profetas e apóstolos. A Palavra de Deus, de fato, é uma só; os estilos, porém, são os mais diversos, pois o Espírito Santo inspirou e capacitou cerca de quarenta diferentes autores, a fim de que, num período de aproximadamente 1.600 anos, nos produzissem o Livro dos livros.

Fosse a Bíblia apenas um livro humano, jamais haveria de nos ungir com o azeite da verdadeira alegria; posto que também é divina, e divinamente inspirada, proporcionando-nos os mais altos lenitivos (alívios, confortos, bálsamos).

O poeta inglês Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) testemunha acerca do poder que as Sagradas Escrituras exerciam sobre a sua alma:

Encontro na Bíblia palavras para os meus mais íntimos pensamentos, canções para a minha alegria, lenitivo para as minhas dores mais profundas, reabilitação de todas minhas debilidades e fraquezas.

Acerca da autoria da Bíblia, leciona Tomás de Aquino: “O autor principal da Santa Escritura é o Espírito Santo; o homem foi apenas o seu autor instrumental”.

Por conseguinte, o Espírito de Deus, fazendo de cada hagiógrafo um instrumento especialmente selecionado na composição da Bíblia, outorgou-nos o Livro Eterno, cujas belezas literárias são únicas.

VI - A BÍBLIA COMO LITERATURA

Ao enaltecer a Bíblia como o Livro dos livros, afirmou Thomas Browne:

A Palavra de Deus, pois é o que creio serem as Sagradas Escrituras; fosse apenas obra do homem, seria a mais singular e sublime, desde o primeiro instante da criação.

Somos constrangidos a concordar com Browne. Até hoje ainda não li um livro mais sublime e perfeito do que a Bíblia Sagrada. Tudo nela é singular: estilo, correção, graça e proposta. Sua singularidade, porém, acha-se no fato de ser a Palavra de Deus.

Nenhum escritor, até hoje, foi capaz de produzir uma obra literária tão rica, tão bela e tão excelsa. Em suas páginas, os poemas mais sublimes; as histórias mais eletrizantes; os discursos mais eloquentes; os tratados mais investigativos. E as suas profecias? E as suas dissertações acerca de Deus e de suas relações com o ser humano?

Em sua obra *O Gênio do Cristianismo*, o francês Chateaubriand discorre longamente a respeito das qualidades literárias das Sagradas Escrituras.

Numa prosa digna da França, Chateaubriand afiança que nenhuma obra jamais conseguiu superar a peregrina genialidade do Livro de Deus. Não houvesse a

Bíblia, a literatura mundial seria pobre e inexpressiva; as maiores obras tiveram-na como fonte de inspiração e modelo.

Que outro livro pode fazer semelhante reivindicação? Embora produzida no contexto histórico-cultural judaico, ninguém haverá de negar-lhe a universalidade. É a Bíblia, portanto, o único livro contemporâneo de toda a humanidade, em todas as eras.

Nosso objetivo, entretanto, não é estudar a Bíblia como literatura; estudá-la-emos como a Palavra de Deus. Se assim não a acolhermos, de nada nos adianta exaltar-lhe os predicados literários. Foi-nos ela entregue, para que reconheçamos Deus como o Ser supremo por excelência, e a seu Unigênito como o nosso suficiente Salvador.

6.1 – O Liberalismo Teológico

O racionalismo, nascido no território sempre fértil da incredulidade acadêmica, não demorou muito a fixar raízes em searas protestantes.

Como acontece nessas ocasiões, começou por invadir os seminários e universidades, dantes tão piedosos, para se alojar nos púlpitos de muitas igrejas.

6.1.1 – O Racionalismo

Em seus *Pensamentos*, investe-se Pascal duramente contra o endeusamento da razão: “Por mais que a razão proteste, ela não pode colocar o preço nas coisas”. Infelizmente, não poucos teólogos colocaram a razão num

altar e fizeram-na a suprema árbitra, até mesmo da soberana Palavra de Deus.

Parece que jamais tiveram eles um discernimento claro da supremacia da Bíblia Sagrada, como o escritor francês demonstrou possuir do Universo. Tornaram-se eles subservientes à razão sem qualquer razão justificável.

O racionalismo pode ser definido como o método que, utilizando-se apenas da razão, coloca-a como o padrão supremo de todas as atividades humanas, quer terrenas, quer metafísicas. Filosoficamente, é a doutrina cujo objetivo se detém no exame das coisas exclusivamente pela razão, sem levar em conta a intuição, a vontade e a sensibilidade.

6.1.2 - *Racionalismo Teológico*

Fazendo do racionalismo o seu credo, afirmavam tais teólogos ser a razão a palavra final para a resolução de todos os dilemas morais e espirituais do ser humano.

Ao mesmo tempo, como faziam questão de ressaltar, a Bíblia não era tão importante quanto ensinava Lutero e Calvino.

Emil Brunner, aliás, chegou a alcinhar a Palavra de Deus de “papa de papel”, porque os protestantes tributavam-lhe uma autoridade que só achava similar na divinização com que os católicos tratavam o seu chefe espiritual. O teólogo suíço não podia aceitar as Sagradas Escrituras como a inspirada e infalível Palavra de Deus.

O que mais nos entristece é saber que esses mestres e doutores provinham de diversas confissões protestantes. Mas, abandonando eles a simplicidade do

evangelho de Cristo, se puseram a erigir os mais exaltados altares à razão, esquecendo-se de que, acima desta, encontra-se a Palavra de Deus.

Como um abismo chama outro, saíram de suas tocas, a fim de desferir os mais impiedosos ataques contra a Palavra de Deus. Ataques esses travestidos de eruditas premissas, intocáveis silogismos e venerandos enunciados teológicos.

Na Alemanha, espezinharam a herança que lhes legara Martinho Lutero, que sempre tivera a Bíblia como a infalível árbitra em todas as áreas do conhecimento e do proceder humanos. E, desvanecendo-se já em seus discursos, guindaram-se acima dos arcanos e oráculos de Deus. Num contexto tão pródigo de incredulidade e apostasias, a teologia liberal começou a corroer uma parte considerável do protestantismo histórico.

Não reconhecendo a Bíblia como a Palavra de Deus, os teólogos liberais blasfemavam, sutilmente, do Todo-Poderoso, resistindo ao Espírito Santo.

O que eram, na verdade, suas teorias? Vãs especulações. Buscando mascarar as suas apostasias e os seus erros, asseveravam que a Bíblia apenas contém a Palavra de Deus. Outros, à semelhança do teólogo americano Gordon Kaufman, se limitavam a exaltar a Bíblia como “literatura gloriosa”.

Infelizmente, muitos desses sábios segundo o mundo têm-se infiltrado em seminários dantes conservadores e, habilmente, vêm desviando os futuros pregadores da verdade.

Faz-se necessário, pois, que estejamos sempre precavidos quanto a esses doutores que, veladamente, instilam o seu veneno sobre aqueles a quem Deus chamou para proclamar o Evangelho de Cristo.

Se antes o liberalismo contentava-se em atacar a Bíblia, ensinando que ela meramente contém a Palavra de Deus, mas não é a Palavra de Deus, hoje os seus proponentes fizeram-se muito mais incrédulos; nem no Deus da Bíblia acreditam mais.

Negando o supremo Ser, afirmam, com a ousadia própria dos insensatos, que o Santo Livro não passa de uma coleção de mitos hebraicos. Haja vista a teoria da desmitologização de Rudolf Bultman.

Para este teólogo alemão, a Bíblia só é crível se dela extirparmos os mitos — milagres, sinais, teofanias e outras revelações sobrenaturais.

Depois de lermos semelhantes teólogos, concluímos com estas palavras do divino Mestre: “Quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?” (Lc 18.8).

No Brasil, seminaristas de várias denominações têm se voltado, ultimamente, aos teólogos liberais, numa busca insana por afirmação. Alguns o fazem para contestar o credo de suas igrejas; outros, para se mostrarem na vanguarda; outros, ainda, por mera e triste imitação.

De uma forma, ou de outra, levam eles ao seio de suas comunidades de fé o vírus do modernismo teológico com todas as suas inevitáveis consequências: incredulidade; leniência para com o pecado; relativismo moral e ético; relaxo para com a evangelização, etc. Tal atitude é observada,

inclusive, entre seminaristas de igrejas que, até então, eram aclamadas por seu ardente zelo pela ortodoxia bíblica.

6.2 – A Neo-ortodoxia

Reagindo contra o liberalismo teológico, principalmente na Alemanha, ensinam os neo-ortodoxos que a Bíblia torna-se a Palavra de Deus à medida que alguém, ao lê-la, tem um encontro experimental com o Senhor. Apesar das aparências, esse posicionamento abre espaço para muitas especulações danosas à fé cristã. A Bíblia não se torna a Palavra a Deus; ela é a Palavra de Deus.

Portanto, erram aqueles que afirmam: “A Bíblia fechada é um simples livro; aberta, a boca de Deus falando”.

Nada mais errado; aberta ou fechada, a Bíblia é a Palavra de Deus inspirada e inerrante! Há que se tomar muito cuidado, pois, com as sutilezas teológicas; destas é que nascem as heresias.

Karl Barth, apesar de seus esforços em combater o liberalismo, não foi de todo feliz.

Ele deveria, por exemplo, ter ensinado que a Bíblia, independentemente da reação de seus leitores, jamais deixou de ser a Palavra de Deus.

Embora considerado o maior teólogo do Século XX, Barth não foi de todo ortodoxo.

E, como todos o sabemos, no terreno das Sagradas Escrituras não há meia-ortodoxia; a ortodoxia tem de ser absoluta. Se a tornarmos relativa, não teremos, então, nenhuma ortodoxia; e, sim, heresias, apostasias e erros.

A neo-ortodoxia de Barth não foi de todo eficaz; pecou pelos meios-termos.

6.3 – A Ortodoxia

Os ortodoxos afirmam que a Bíblia é a Palavra de Deus. Dessa forma, colocam-na no lugar em que ela tem de estar: como a nossa suprema e inquestionável árbitra em matéria de fé e prática.

Se a Escritura diz, é a nossa obrigação ser-lhe obediente sem quaisquer questionamentos. Ela é soberana! Os cristãos jamais deixaram de ser dogmáticos quanto à origem divina da Bíblia.

6.3.1 - A Igreja Primitiva Era Ortodoxa

Firmados, principalmente, em 2Pedro 1.20,21, os cristãos primitivos tinham os profetas hebreus como oráculos de Deus.

Igual deferência concediam eles aos escritos dos apóstolos de nosso Senhor (Lc 1.1-4) e daqueles que lhes foram íntimos seguidores — Marcos e Lucas, por exemplo.

No século II, quando o herege Marcião se insurgiu contra as Sagradas Escrituras, tentando extirpar do cânon os apostólicos, por considerá-los escandalosamente judaicos, os líderes da igreja condenaram-no em uníssono e energicamente. Atuando como porta-voz dos pastores e bispos, Tertuliano escreveu *Contra Marcião*, numa apaixonada apologia do cânon atual da Bíblia Sagrada.

Orígenes de Alexandria, nascido no Egito por volta de 185, também saiu com presteza, a fim de defender o cânon das Sagradas Escrituras.

Ele asseverou que tanto as Escrituras do Antigo quanto as do Novo Testamentos foram inspiradas pelo mesmo Espírito Santo. Logo, acrescenta o doutor alexandrino, “as Escrituras Sagradas foram redigidas pelo Espírito de Deus”.

Nascido em 296, Atanásio tornou-se conhecido como o pai da ortodoxia em virtude de seu apaixonado zelo pela pureza doutrinária da fé cristã.

À semelhança de seus predecessores, fez ele uma brilhante apologia da inspiração divina das Escrituras Sagradas como a Palavra de Deus.

6.3.2 - Os Reformadores e a Ortodoxia

Ao deflagrar a Reforma Protestante, Martinho Lutero fez questão de ressaltar a importância da Bíblia Sagrada como a Palavra de Deus. Se até àquele dia a igreja de Roma tinha as suas tradições como mais importantes que as Sagradas Escrituras, veio Lutero e afirmou que estas são a nossa única norma em matéria de fé e prática. Foi a partir desse ponto doutrinal que Lutero revolucionou espiritualmente a igreja de Cristo, levando os fiéis a depositarem toda a sua confiança no Antigo e no Novo Testamento.

Cognominando a Bíblia como o berço que traz o Cristo, Lutero — natural de Eisleben, na Alemanha — defendeu ardorosamente a inspiração divina das Sagradas Escrituras. Ele exortava os cristãos a lerem a Palavra de Deus sob a luz de Cristo.

João Calvino, de igual modo, sustentava a origem divina da Bíblia:

Visto que Deus se comunicou por sua Palavra de Vida a todos os que Ele recebeu por sua graça, disso devemos inferir que os fez participantes da vida eterna. Eu digo que na Palavra de Deus há tal eficácia de vida que a sua comunicação é uma segura e certa vivificação da alma. Entendo por comunicação não a geral e comum, que se propaga por céus e terra e sobre todas as criaturas do mundo. Porque, conquanto esta vivifique todas as coisas conforme a sua respectiva natureza diversa, todavia não livra nada nem ninguém da corrupção. Mas a comunicação a que me refiro é especial, e por esta a alma dos crentes é iluminada no conhecimento de Deus e de algum modo é ligada a Ele (Calvino, João – Exposição de 1ª Coríntios 1:21 – Pág. 62 & Calvino, João – As Institutas Da Religião Cristã – Vol. III, 3.7 – Pág. 10,11).

6.3.3 - Os Pentecostais e a Ortodoxia

A comunidade de fé pentecostal, formada principalmente pelas Assembléias de Deus, sempre acreditou ser a Bíblia a inspirada, inerrante, infalível e completa Palavra de Deus. Vejamos como se posicionaram alguns de nossos maiores e mais respeitados teólogos.

O missionário finlandês Lars Eric Bergstén, que, durante cinco décadas peregrinou pelo Brasil, ensinando a lídima doutrina bíblica, assim se posicionou acerca das Sagradas Escrituras:

Deus, que antigamente falou “muitas vezes e de muitas maneiras aos pais”, queria que a sua Palavra não ficasse guardada pelos homens apenas através da experiência com Ele ou pela tradição falada, isto é, os pais contando para os seus filhos, etc. Deus queria que as verdades reveladas fossem conservadas

em um autêntico documento. Por isso, Ele mesmo tomou as providências para que suas palavras, revelações e acontecimentos — maravilhas operadas em meio ao seu povo — fossem escritos.

Antonio Gilberto, sem dúvidas o maior teólogo do Brasil, conhecido em todo o mundo por sua ortodoxia, afirmou acerca da origem divina da Bíblia:

É a revelação de Deus à humanidade. Seu autor é Deus mesmo. Seu real intérprete é o Espírito Santo. Seu assunto central é o Senhor Jesus Cristo.

VII - A NECESSIDADE DA BÍBLIA SAGRADA

“Arranje a superfície das Escrituras onde quiser, e você descobrirá uma fatia de vida” — é o que afirma Arthur Skevington Wood. Implicitamente, está ele a dizer-nos: a Bíblia é absolutamente necessária para alcançarmos a vida eterna; sem ela, todos estaríamos condenados.

Logo, é a Palavra de Deus de suma importância não somente para o nosso crescimento moral e espiritual, como também para a solidificação de nossa sociedade. O Ocidente, aliás, é tributário das Sagradas Escrituras e não da civilização greco-romana. A humanidade toda não pode, sob nenhuma hipótese, prescindir da Bíblia.

7.1 - Necessidade Histórica

Ao contrário do que supunha o filósofo francês, Augusto Comte, a história não é cíclica: é circular; não se repete. Encaminha-se para um clímax, quando Cristo Jesus, como o Rei dos reis e Senhor dos senhores, implantar o Reino de Deus na Terra, submetendo todas as coisas ao absoluto comando de seu Pai.

Sem a Bíblia, jamais poderíamos compreender devidamente a história; seríamos induzidos a pensar fossem todas as coisas obras do mero acaso.

Os santos profetas e os apóstolos de nosso Senhor nos deixam claro que, estando Deus no comando de todas as coisas, dirige a história, conduzindo-a ao ápice de seu Reino.

Não foi essa, por acaso, a petição que o Cristo ensinou aos seus discípulos: “Venha o teu Reino”? Assim, passaram os discípulos a rogar a Deus.

Compreendendo perfeitamente a teologia da História, afirmou Oliver Cromwell: “O que é a história, senão a manifestação de Deus?”

Assim a entendeu também Nabucodonosor. O rei de Babilônia, após haver passado sete tempos como um bicho, devido ao seu orgulho, reconhece que, acima dos reis e demais potentados, acha-se Deus a controlar todos os negócios terrenos (Dn 3).

Seria maravilhoso se todos os seres humanos chegassem a essa conclusão. Por conseguinte, esta deve ser a conclusão básica acerca da História, conforme escreveu D. Martyn Lloyd-Jones: “A chave para a história do mundo é o reino de Deus”.

7.2 - Necessidade Moral

Vários códigos já escreveram os homens ao longo de sua história. Hamurabi, buscando disciplinar seus contemporâneos, prescreveu-lhes uma série de leis e

ditames. Preocupação semelhante acometeu o chinês Confúcio.

E os estatutos de Drácon? E as *Doze Tábuas* de Roma? Tais iniciativas, porém, não puderam melhorar a índole dos filhos de Adão, que, segundo escreveu Paulo aos romanos, se entregaram às mais infames paixões (Rm 1.26).

A Palavra de Deus, entretanto, prescreve-nos leis tão altas e sublimes que — prova-nos a história — modifica não apenas o homem como a sociedade. Haja vista os Dez Mandamentos. Sem dúvida, todas as legislações do mundo poderiam ser substituídas por estes. D.J. Burrell realça a singularidade das leis divinas:

O Deus da Bíblia, e nenhum outro, pode satisfazer as necessidades humanas. Seu código moral atravessou durante séculos as chamas da controvérsia, mas não ficou nem mesmo com cheiro de queimado.

Se a moral das Escrituras continua tão atual, onde se acham os demais códigos? Fizeram-se anacrônicos; tiveram de ser substituídos. Eis por que a Bíblia Sagrada faz-se tão necessária à raça humana.

Sua moral não haverá jamais de ser adulterada nem relativizada; é um livro que trata com valores absolutos, pois absoluto ele é.

No Salmo 119, canta o salmista (atribuído a Davi) as grandezas e infinitudes da Lei de Deus. O rei de Israel cumpria-a rigorosamente; não a achava pesada; era o seu deleite.

Acontece o mesmo com aqueles que, ao aceitarem a Cristo, têm o estatuto divino escrito em seu coração, conforme enfatiza Matthew Henry: “Quando a lei de Deus é escrita em nosso coração, nossos deveres são nossos prazeres”.

7.3 - Necessidade Espiritual

Quando tentado pelo Diabo, o Cristo calou-lhe a voz, citando-lhe o Deuteronômio: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4.4).

Mais tarde, emudecendo os fariseus, que, embora conscientes da messianidade dEle, recusavam-se a aceitá-la, asseverou-lhes: “Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam. E não quereis vir a mim para terdes vida” (Jo 5.39,40).

Que outro livro é capaz de proporcionar ao ser humano a vida eterna? A Bíblia, conforme escreve Paulo a Timóteo, não se limita a salvar o homem; torna-o perfeito diante de Deus (2Tm 3.17). Discorrendo acerca da eficácia das Escrituras em libertar-nos do pecado, Timothy Dwight é categórico: “A Bíblia é uma janela na prisão deste mundo, através da qual podemos olhar para a eternidade”.

O ser humano tem sede do Criador. E só virá a dessedentar-se quando volver os olhos e o coração à Bíblia Sagrada. Sem ela morreremos nesse deserto para onde nos lançaram os pecados que vimos cometendo desde que expulsos do Éden.

ATIVIDADES – LIÇÃO I

- **Marque “C” para Certo e “E” para Errado:**
- 1) ☐ Nenhuma obra literária é capaz de transformar a vida das pessoas como a Bíblia.
 - 2) ☐ Originário do latim, o termo “Bíblia” significa “livros”, ou “coleção de pequenos livros”.
 - 3) ☐ A palavra *Bíblia* é o plural de *biblos*. Os gregos assim chamavam os rolos, nos quais escreviam as suas obras.
 - 4) ☐ A Bíblia Grega, escrita em hebraico, só tem o Antigo Testamento, que se divide em três seções: *Torá* (A Lei), *Neviim* (Os Profetas) e *Ketuvim* (Os Escritos).
 - 5) ☐ Jesus é o tema central das Escrituras e aparece em todos os seus livros, direta ou indiretamente.
 - 6) ☐ Os ortodoxos afirmam que a Bíblia é a Palavra de Deus.

Anotações:

[illegible]

Lição II

O Cânon da Bíblia

<i>Acréscimos a Ester</i>	11 versículos acrescentados ao capítulo 10 ou um novo capítulo, dependendo da versão bíblica
<i>1 e 2 Macabeus</i>	Entre os canônicos Ester e Jó
<i>Sabedoria</i>	Entre o canônico Cantares e o apócrifo Eclesiástico
<i>Eclesiástico</i>	Entre o apócrifo Sabedoria e o canônico Isaías
<i>Baruque</i>	Entre os canônicos Lamentações e Ezequiel
<i>Acréscimos a Daniel</i>	2 capítulos inseridos no final do livro como apêndices

Existem dezenas de outros apócrifos que não estão na Bíblia, pertencentes a outro período, o neotestamentário.

Há até outro livro do Apocalipse, escrito supostamente por Pedro (!), e um Evangelho de Tomé, que apresenta histórias curiosas.

Numa delas, o menino Jesus constrói pequenas represas e faz pardais do barro. Quando seu pai o repreende por fazer aquilo no sábado, Jesus ordena: “Vão embora!”, e os pardais levantam vô cantando... No mesmo Evangelho de Tomé, um menino bateu no ombro de Jesus e morreu!

Os Atos de João mencionam uma experiência “extraordinária” do apóstolo com os percevejos. Ele conversa

com os insetos como se fossem pessoas, e estes, em resposta, agem como humanos.

Ao final, João faz uma aplicação: “Estas criaturas atentaram para a voz de um homem e permaneceram por si mesmas em um lugar e ficaram quietas e não transgrediram; mas nós que ouvimos a voz e as ordens de Deus, desobedecemos e somos fúteis; e por quanto tempo?”

Mas o livro Atos de Pedro é ainda mais fantasioso! Conta que Simão, o mágico, impressionava as multidões voando sobre a cidade de Roma! Haja imaginação! Não é por acaso que estes livros foram rejeitados pelos líderes da Igreja.

III – PORMENORIZAÇÃO DA FORMAÇÃO DO CÂNON

Em nossos credos, afirmamos peremptoriamente ser a Bíblia a inspirada, inerrante, infalível, soberana e completa Palavra de Deus. Nesse inegociável e intransferível dogma, baseia-se o cânon das Sagradas Escrituras.

Antes de entrarmos a estudar com mais propriedade a canonicidade da Bíblia, é mister que deixemos algo bem claro: esta não é inspirada porque os doutores da igreja assim a cancelaram; eles a sancionaram como tal porque ela é, de fato, a inspirada Palavra de Deus. Escreve Norman Geisler:

Os livros da Bíblia não são considerados oriundos de Deus por se haver descoberto neles algum valor; são valiosos porque provieram de Deus — fonte de todo bem.

Se eles, nalgum momento, tivessem negado a inspiração de algum livro das Sagradas Escrituras, estas, em sua totalidade, ainda continuariam inspiradas.

Pois a inspiração da Bíblia independe da aprovação humana. A canonização, conforme veremos, nada mais é do que o reconhecimento humano de uma obra singularmente divina.

3.1 - A Canonização

Oriunda da palavra grega *kanonizein*, que, entre outras coisas, significa “tornar santo”, é o processo que levou ao reconhecimento dos livros que compõem a Bíblia como singularmente inspirados por Deus.

Esse processo — que durou vários séculos — é-nos mui importante, porque mostra quão criteriosa e exaustivamente os doutores da igreja se agastaram em examinar os livros das Sagradas Escrituras, a fim de averiguar se estes, realmente, são de origem divina ou produto do engenho e arte da imaginação humana.

Concluído esse processo, os doutores e teólogos da igreja, trilhando um caminho já palmilhado pelos sábios rabis de Israel, concluíram que os livros que compõem a Bíblia são de fato a inspirada e inerrante Palavra de Deus.

Mais tarde, como vimos, os católicos romanos, no Concílio de Trento, houveram por bem, de maneira arbitrária e antagônica às comunidades de Israel e dos protestantes, acrescentarem vários livros ao Antigo Testamento, buscando justificar algumas de suas doutrinas que, durante a Reforma Protestante, foram duramente combatidas pelos seguidores de Martinho Lutero e João Calvino. Lendo tais livros apócrifos, no entanto, logo percebemos suas fragilidades, errância e até ilogicidade.

3.2 - O que É o Cânon da Bíblia?

3.2.1 – *Nosso Cânon por Excelência*

Procedente do vocábulo hebraico *kannesh*, que significa “vara de medir” — e do grego *kanon*, que, basicamente, tem o mesmo significado do termo hebreu —, a palavra “cânon” é usada em teologia com este significado: padrão, regra de procedimento, critério norma (Teologia Sistemática Pentecostal, CPAD).

A Bíblia, como o nosso cânon por excelência, arvora-se como a nossa única regra de fé e conduta, pois a temos como a infalível Palavra de Deus.

Em termos técnicos, podemos definir assim o cânon das Sagradas Escrituras: coleção de livros reconhecidos pela igreja cristã como singularmente inspirados pelo Espírito Santo.

3.2.2 - *Como Foi Estabelecido o Cânon Bíblico*

Os homens que Deus usou para cancelar o cânon da Bíblia procederam da seguinte forma:

- 1)** O exame do texto sagrado. Em primeiro lugar, os sábios judeus e cristãos examinaram o texto sagrado, em si, para comprovar se este, de fato, proveio o Espírito Santo como escritura singularmente inspirada.

Isso não significa que esses doutores se achavam acima da Bíblia nem que houvessem eles lhe transmitido a inspiração divina. Caso tivessem errado em sua avaliação, a Bíblia continuaria a ser a Palavra de Deus.

Do texto sagrado, examinaram: o conteúdo, a correção doutrinária, o caráter edificativo, a harmonia da parte com o todo e o assentimento intelectual e particular,

através dos quais, quando o lemos, sentirmos que Deus nos fala de maneira distintíssima e clara.

- 2)** O exame do autor sagrado. Quem escreveu o texto sagrado era, realmente, digno de confiança? Considerando que a Bíblia foi escrita por, aproximadamente, quarenta escritores, temos de responder as seguintes perguntas.

Houve absoluta concordância entre seus autores, apesar do tempo decorrido entre o Gênesis e o Apocalipse? (A Bíblia, como se sabe, levou 1.600 anos para ser escrita.)

No que tange ao Antigo Testamento, eram os seus autores realmente mestres incontestáveis do conhecimento de Deus? Com Deus mantinham estreita e íntima comunhão? E o seu caráter, era realmente ilibado?

Davi e Salomão, por exemplo, apesar de haverem desobedecido gravemente ao Senhor, arrependeram-se de suas faltas e foram espiritualmente restaurados. No Salmo 51, temos o cântico penitencial do primeiro; e, no Eclesiastes, encontramos a pública confissão de faltas do segundo.

Concernente ao Novo Testamento, além das exigências acima apresentadas, demandava-se que o escritor sagrado pertencesse ao círculo restrito dos apóstolos do Cordeiro, ou que com eles houvessem tido um relacionamento privilegiado.

É o caso de Marcos, Paulo e Lucas, o médico amado. Tiago e Judas eram irmãos uterinos de nosso Senhor Jesus Cristo.

- 3)** Aceitação do livro na comunidade dos fiéis. Como a antiga comunidade de Israel e a igreja primitiva se envolveram com os livros da Bíblia Sagrada?
-

3.3 - O Cânon do Antigo Testamento

Os livros do Antigo Testamento jamais estiveram em disputa na antiga comunidade de Israel.

Conforme depreendemos de Esdras e das tradições judaicas, após o derradeiro profeta fazer ecoar as palavras do Senhor, não havia mais o que se discutir: o cânon do Testamento Antigo já estava definitivamente encerrado, esperando, agora, os primeiros acordes do Novo Testamento.

Por conseguinte, o Concílio Judaico de Jâmnia, realizado na atual cidade israelense de Joaze, teve um caráter mais formal do que dogmático, considerando que os filhos de Israel da Diáspora sempre tiveram o texto Massorético como o cânon de suas Sagradas Escrituras.

3.4 - O Cânon do Novo Testamento

Em virtude da complexidade da igreja cristã, o cânon do Novo Testamento demorou um pouco mais para ser definitivamente estabelecido.

Em primeiro lugar, porque os livros neotestamentários foram escritos nos mais diferentes lugares: de Israel à capital do Império Romano, mostrando a universalidade da mensagem cristã.

Em 367, o bispo Atanásio, conhecido como o pai da ortodoxia cristã, alista, numa de suas cartas, os 27 livros que compõem o Novo Testamento. Os concílios de Hipona — realizado em 393 — e o de Cartago, convocado em 397, ambos no Norte da África, ratificaram a lista elaborada por Atanásio.

Hoje, não mais precisamos debater acerca da inspiração dos livros que compõem o cânon da Bíblia Sagrada.

Tanto os 39 do Antigo quanto os 27 do Novo Testamentos são comprovadamente de origem divina; foram inspirados pelo Espírito Santo.

IV - POR QUE OS EVANGÉLICOS NÃO ACEITAM OS LIVROS APÓCRIFOS?

Os apócrifos contidos na Bíblia Católica foram escritos sob circunstâncias duvidosas, em um período em que havia um silêncio profético. Além disso, os judeus os rejeitam como escritos canônicos, o que já bastaria para os rejeitarmos, uma vez em que foram introduzidos no Antigo Testamento.

E foram, ainda, incluídos muito depois que o cânon estava concluído, apresentando contradições históricas e doutrinárias, que depõem contra a sua canonicidade.

Entre tantas heresias e contradições dos escritos apócrifos, o que mais chama a atenção é a declaração do autor de 2 Macabeus, ao concluir o livro: *"... aqui encerro a minha narrativa. Se ficou boa e literariamente agradável, era o que eu queria. Se está fraca e medíocre, é o que fui capaz de fazer."* (15.37,38).

Um exame dos apócrifos não deixará dúvidas acerca do porquê de os evangélicos os rejeitarem. Escritos no período interbíblico, durante os 400 anos em que esteve silenciosa a voz da profecia, grande parte dos seus autores são desconhecidos.

Sendo adicionados à *Septuaginta*, versão grega do Velho Testamento feita em Alexandria, neste período, eles não constavam do cânon do Antigo Testamento e nunca foram considerados inspirados pelos judeus, como os outros 39 livros.

Apesar de sua relativa importância histórica e de certo valor moral e religioso que possuem, os apócrifos não podem ser comparados aos escritos canônicos. Segundo o historiador Flávio Josefo, desde Artaxerxes, vários livros foram escritos, mas não considerados dignos de confiança idêntica aos que os procederam.

Jerônimo, a quem se deve a versão latina *Vulgata*, fez distinção entre os escritos canônicos, como obras de autoridade, e os não canônicos (apócrifos), considerados úteis para o estudo privado, para exemplo de vida e instrução de costumes, mas não para estabelecer qualquer doutrina.

As igrejas protestantes, que se baseiam rigorosamente na autoridade divina da Palavra de Deus, rejeitam os apócrifos. Somente a Igreja Católica Romana os considera canônicos a fim de promover a defesa de falsas doutrinas. Jesus e os escritores do Novo Testamento, em contraposição, jamais citaram um livro apócrifo, não deixando dúvidas acerca de sua não inspiração.

ATIVIDADES – LIÇÃO II

- Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ Sabemos que todos os 66 livros da Bíblia foram inspirados pelo Espírito Santo.
- 2) ☐ A palavra “apócrifo” significava, originalmente, “oculto”.
- 3) ☐ Canonização, palavra grega *kanonizein*, que, entre outras coisas, significa “tornar santo”.

- 4) ☐ A Bíblia, como o nosso cânon por excelência, arvora-se como a nossa única regra de fé e conduta, pois a temos como a infalível Palavra de Deus.
- 5) ☐ As igrejas protestantes, que se baseiam rigorosamente na autoridade divina da Palavra de Deus, rejeitam os apócrifos.
- 6) ☐ Um exame dos apócrifos não deixará dúvidas acerca do porquê de os evangélicos os rejeitarem.

Anotações:

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Lição III

Inspiração Bíblica

INSPIRAÇÃO BÍBLICA

Matthew Henry — um dos maiores expositores das Sagradas Escrituras — é categórico ao se referir à inspiração da Bíblia: *“As palavras das Escrituras devem ser consideradas palavras do Espírito Santo”*.

Como não concordar com Henry? Basta ler a Bíblia para sentir, logo em suas palavras iniciais, a presença do Espírito Santo.

Que outro livro trouxe tanta mudança à humanidade como a Bíblia Sagrada? Homero, Aristóteles, Camões, Karl Marx?

O *Capital* de Marx, por exemplo, embora considerado a “bíblia” do comunismo, é tão seco e árido que dificilmente alguém consegue lê-lo do início ao fim.

A Escritura, porém, vem sendo lida de geração em geração com o mais vivo interesse. O imperador brasileiro Dom Pedro II revelou que a lia cotidianamente.

Qual a diferença entre ela e os demais livros? Sem dúvida, a sua inspiração.

I – O QUE É A INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA

1.1 - Definição Etimológica

A palavra “inspiração” vem de dois vocábulos gregos: *theo*, “Deus”; e *pneustos*, “sopro”. Literalmente, significa: “aquilo que é dado pelo sopro de Deus”.

1.2 - Definição Teológica

“Ação sobrenatural do Espírito Santo sobre os escritores sagrados, que os levou a produzir, de maneira inerrante, infalível, única e sobrenatural, a Palavra de Deus — a Bíblia Sagrada” (*Dicionário Teológico*, de Claudionor de Andrade, CPAD).

“A inspiração foi uma influência do Espírito Santo sobre a mente de determinados homens seletos, fazendo deles instrumentos de Deus para a comunicação infalível de sua mente e vontade. Eles foram, em tal sentido, órgãos de Deus de sorte que o que eles disseram foi o que Deus disse” (Dr. Charles Hodge).

Em português, a palavra “inspirar” é originária do verbo latino *inspirare*, que significa: “introduzir ar nos pulmões”. É um processo fisiológico tão necessário à vida, que a mantém em pleno funcionamento. É algo automático; independe de nossa vontade. Basta estarmos vivos para que o ar nos entre pela boca e pelas narinas e nos chegue até os pulmões.

Assim também ocorreu com os santos profetas e apóstolos usados para escrever a Bíblia Sagrada. O Espírito Santo insuflou-lhes a Palavra de Deus de tal forma, que foram eles impulsionados a registrar os arcanos e desígnios divinos de maneira sobrenatural, inerrante, infalível e singular. Nenhum outro livro foi inspirado dessa forma; foi um milagre que se deu na área do conhecimento humano e nunca mais se repetiu.

II - INSPIRAÇÃO VERBAL E PLNÁRIA DA BÍBLIA

É a doutrina que assegura ser a Bíblia, em sua totalidade, produto da inspiração divina.

☞ **Plenária:** todos os livros da Bíblia, sem qualquer exceção, foram igualmente inspirados por Deus.

☞ **Verbal:** o Espírito Santo guiou os autores não somente quanto às idéias, mas também quanto às palavras dos mistérios e concertos do Altíssimo (2Tm 3.16).

A inspiração plenária e verbal, todavia, não eliminou a participação dos autores humanos na produção da Bíblia. Pelo contrário: foram eles usados de acordo com seus traços pessoais, experiências e estilos literários (2Pe 1.21).

Se no profeta Isaías deparamo-nos com um estilo sublime e clássico, em Amós encontramos uma prosa simples e humilde, como os campos palmilhados pelo mensageiro campestre.

E, se em Paulo encontramos um grego que se amolda à dicção do heleno atico, em Marcos encontramos um grego humilde como humilde era o seu autor.

Contudo, tanto nos primeiros como nos segundos, não podemos negar a exatidão e a ortodoxia da inspirada Palavra de Deus.

2.1 - A Inspiração da Bíblia É Única

Conforme já dissemos, além da Bíblia, nenhum outro livro foi produzido de maneira sobrenatural e inconfundivelmente divina. Eis porque a Palavra de Deus é a obra-prima por excelência da raça humana.

Até mesmo os seus mais arrebatados inimigos são obrigados a se curvar ante a sua beleza suprema e célica.

Haja vista em todas as universidades realmente importantes haver uma cadeira dedicada ao idioma hebraico por causa da crescente importância da Bíblia.

Aliás, não fora a Palavra de Deus, a civilização ocidental, como a conhecemos, seria impossível. O que os

gregos não lograram com a sua filosofia e lógica, a Bíblia alcançou através de sua mensagem, que, embora singela, derrubou grandes reinos e impérios.

Declaração doutrinária das Assembléias de Deus no Brasil:

Cremos na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão.

A maioria das denominações evangélicas, realmente conservadoras, tem a Bíblia como a inspirada Palavra de Deus. Sem esse artigo de fé, o evangelismo perde todo o seu conteúdo.

2.2 - Evidências da Inspiração Divina da Bíblia

Há evidências que nos indicam ser a Bíblia a Palavra inspirada de Deus? Basta uma leitura das Sagradas Escrituras para se concluir, de imediato, terem sido elas produto da ação direta do Espírito Santo sobre os hagiógrafos, levando-os a escrever os livros que fazem parte do cânon bíblico.

Entre as evidências, que nos indicam a procedência divina das Escrituras Sagradas, podemos citar:

2.2.1 - A Influência na Vida do Ser Humano

Que outro livro, a não ser a Bíblia, é capaz de transformar radicalmente o homem? Temos testemunhos emocionantes de homens, mulheres, jovens e crianças que, no contato com a Palavra de Deus, se tornaram novas criaturas.

2.2.2 - A Influência na História da Humanidade

Ultrapassando as fronteiras de Israel, de onde provieram quase todos os seus escritores, a Bíblia foi a responsável direta pela criação da cultura ocidental.

A influência do Santo Livro, aliás, ultrapassou o Ocidente e, hoje, faz com que a Palavra de Deus seja admirada em países que sempre se opuseram ao cristianismo.

Haja vista a China e o Japão. Até mesmo nos países árabes, que se deixam conduzir pelo Alcorão, a influência das Escrituras é mais que notória.

2.2.3 - A Influência na Vida Moral da Humanidade

Sem a Bíblia Sagrada, estaria a humanidade mergulhada em densas trevas espirituais e morais. O homem em nada haveria de diferir das bestas feras.

Todavia, a moralidade que a Bíblia vem exigindo do ser humano, desde os Dez Mandamentos, vem elevando os filhos de Adão aos mais altos ideais, impedindo que se degenerem.

III - A INERRÂNCIA DA BÍBLIA SAGRADA

Em sua apologia sobre a inerrância da Bíblia, John Wesley é incisivo e direto: “Se há algum erro na Bíblia, então pode haver mil erros”.

Por isso, conclui: “Se há uma falsidade sequer naquele Livro, ele não proveio da verdade”. Como discordar de um artigo de fé tão cristalino e lógico? Sem esta doutrina, o cristianismo seria impossível; suas verdades, tendo como base a Bíblia Sagrada, exigem seja esta não apenas

divinamente inspirada, mas de igual modo infalível, completa e inerrante.

Por conseguinte, se não aceitarmos integralmente a inerrância das Sagradas Escrituras, todo o arcabouço doutrinário da religião fundada por Jesus de Nazaré haverá de desaparecer.

Se primarmos, no entanto, pela ortodoxia bíblica e teológica, não há por que temer aqueles que, embora se autodenominem liberais, revelam-se intolerantes e impiedosos em sua abordagem ao fundamentalismo evangélico. Sob o manto do liberalismo, exibem-se agressivos e inquisitoriais; a maioria nem mesmo aceita o debate acadêmico.

Afinal, o que é a inerrância bíblica? Por que ela é tão importante para a nossa fé? E por que sem essa doutrina as Sagradas Escrituras perdem toda a razão de ser?

3.1 – O que É Inerrância?

A melhor maneira de se compreender uma doutrina é buscar-lhe uma definição adequada. Sua conceituação, a partir daí, torna-se mais fácil e não pecará pela falta de clareza e objetividade.

Vejamos, pois, de que forma haveremos de definir a doutrina da inerrância bíblica.

3.1.1 – Definição Etimológica

A palavra “inerrância” vem do vocábulo latino *inerrantia* e significa, literalmente, “qualidade daquilo que não tem erro; infalível”.

3.1.2 - Definição Teológica

A inerrância bíblica é a doutrina segundo a qual as Sagradas Escrituras não contêm quaisquer erros, por serem a inspirada, infalível e completa Palavra de Deus.

A Bíblia é inerrante tanto nas informações que nos transmite como nos propósitos que expõe e nas reivindicações que apresenta. Sua inerrância é plena e absoluta. Isenta de erros doutrinários, culturais e científicos, inspira-nos ela confiança plena em seu conteúdo.

Neste sentido, a doutrina da inerrância bíblica pode ser compreendida, também, como sinônimo de infalibilidade.

O teólogo pentecostal John R. Higgins assim define a doutrina da inerrância das Sagradas Escrituras:

Embora os termos “infalibilidade” e “inerrância” tenham sido, historicamente, quase que sinônimos do ponto de vista da doutrina cristã, muitos evangélicos têm preferido ora um termo, ora outro. Alguns preferem “inerrância” para se distinguirem dos que sustentam poder a “infalibilidade” referir-se à veracidade da mensagem da Bíblia, sem necessariamente indicar que a Bíblia não contém erros. Outros preferem “infalibilidade” a fim de evitar possíveis mal-entendimentos em virtude de uma definição demasiadamente limitada da “inerrância”. Atualmente, o termo “inerrância” parece estar mais em voga que “infalibilidade”.

3.2 - Inerrância, o Grande Debate Teológico do Século XX

Foi exatamente em torno da inerrância bíblica que girou a maior controvérsia teológica do Século XX.

Até então, tinha-se como pressuposto básico que a Bíblia, como a inspirada Palavra de Deus, era absolutamente inerrante tanto no que concerne à doutrina como no que tange às informações geográficas, históricas e científicas.

Nenhum teólogo cristão ousava colocar em dúvida a inerrância da Palavra de Deus.

Se, na comunidade cristã, quer católica, quer protestante, ninguém se atrevia a questionar a inerrância das Sagradas Escrituras, os filósofos seculares vinham, desde o iluminismo, lançando não poucas dúvidas sobre a integridade da doutrina e das informações contidas na Bíblia.

Toda essa discussão veio a se acirrar com a chamada teologia liberal, que — conquanto nascida no Século XVIII — veio a ganhar corpo no século passado. De repente, o que parecia inconcebível já era discutido abertamente no mundo acadêmico: “Afiml, a Bíblia é ou não é a inerrante Palavra de Deus?” Se a inerrância era posta em dúvida, por que ficaria intocada a sua inspiração verbal e plenária?

Semelhante controvérsia levou a ortodoxia cristã a se reunir para apresentar uma apologia da inerrância e da inspiração sobrenatural da Bíblia Sagrada. E desse debate resultou um documento conhecido como a Declaração de Chicago.

3.3 - A Declaração de Chicago

Em 1978, eruditos de várias confissões cristãs se reuniram na cidade norte-americana de Chicago, a fim de discutir a inspiração sobrenatural da Bíblia e a sua consequente inerrância. Findos os trabalhos, os participantes do encontro publicaram uma declaração, realçando a ortodoxia dos princípios teológicos acerca da Bíblia Sagrada.

A Declaração de Chicago sobre a inerrância Bíblica, entre outras coisas, afirma:

A autoridade das Escrituras é a chave para a igreja cristã em todos os séculos. Aqueles que professam a sua fé em Jesus Cristo como o seu Salvador e Senhor são intimados a mostrar a realidade de seu discipulado através da humildade e da obediente fidelidade à Palavra escrita de Deus. Rejeitar as Escrituras como a nossa regra de fé e conduta constitui-se em deslealdade para com o nosso Mestre. O reconhecimento inquestionável e irrestrito das Sagradas Escrituras é essencial para a completa compreensão e confissão de sua autoridade.

Os cinco primeiros artigos da Declaração de Chicago sintetizam a fé ortodoxa concernente à inerrância da Bíblia Sagrada:

- 1.** *Deus, sendo Ele a própria verdade por falar somente a verdade, inspirou as Sagradas Escrituras, para que, através delas, revelasse a si mesmo à humanidade caída, por intermédio de Jesus Cristo, como o Criador, Senhor, Redentor e Juiz. As Sagradas Escrituras, portanto, testificam do próprio Deus.*
- 2.** *As Sagradas Escrituras, sendo a própria Palavra de Deus, escritas por homens devidamente preparados, inspirados e superintendidos pelo Espírito Santo, são divinamente infalíveis em todas as matérias de que tratam. Por*

consequinte, devem elas ser cridas, como a instrução de Deus, em tudo o que afirmam; obedecidas, como mandamento de Deus, em tudo o que demandam; recebidas, como garantia de Deus, em tudo o que prometem.

- 3. O Espírito Santo, como o autor das Escrituras, tanto autentica o seu testemunho interno como nos abre a mente para entendê-las.*
- 4. Sendo total e plenariamente dadas pelo próprio Deus, as Escrituras estão isentas de erros nem se acham equivocadas quanto a todos os seus ensinamentos, nem quanto às suas declarações sobre os atos de Deus na criação, os eventos da história mundial e acerca de sua própria origem literal sob a inspiração divina e também quanto às declarações de Deus com respeito à salvação individual dos seres humanos pela graça manifestada em Cristo Jesus.*
- 5. A autoridade das Escrituras será fatalmente enfraquecida se a sua absoluta inerrância for, de alguma forma, menosprezada ou negligenciada, ou vier a ligar-se a uma visão da verdade contrária à própria Bíblia. Tais desvios trariam irreparáveis perdas tanto para os crentes em particular quanto para a igreja de Cristo como um todo.*

O artigo XIII da Declaração de Chicago é mais do que incisivo: “Declaramos que a Bíblia, em sua totalidade, é inerrante, estando, por conseguinte, isenta de toda falsidade, fraude ou engano”.

3.4 - A Coerência da Inerrância

A doutrina da inerrância da Bíblia Sagrada não é incoerente nem fere a razão, embora esteja muito acima

Jamais encontraremos, por exemplo, a arca da aliança (Jr 3.16), o Tabernáculo ou os castiçais que estavam no santo Templo. Além do mais, a História da Salvação, independentemente dos achados arqueológicos, exige ser aceita pela fé.

Imaginemos se a arca da aliança fosse encontrada. Transformar-se-ia logo tal evidência em relíquia e seria mais nociva à Bíblia Sagrada do que a falta de evidências quanto à sua inspiração divina e inerrância.

Uma questão de fé e de bom-senso. Diante do exposto, convenhamos: a doutrina da inerrância das Sagradas Escrituras é perfeitamente razoável. É lógica e coerente.

Acha-se em perfeita consonância com o bom-senso, conquanto se encontre bem acima deste. É também uma questão de fé. Se alguém a rejeita, demonstra não possuir qualquer senso lógico.

3.5 - A Inerrância Bíblica É Absoluta

3.5.1 – Inerrância Plena

Não existe meia inerrância. Ou a Bíblia é a inerrante Palavra de Deus ou é a errante e falível palavra do homem.

O pensador Charles Colson afirmou, de forma categórica, que podemos aceitar integralmente a Bíblia; nela não há erros nem contradições. Mais adiante, conclui:

A Bíblia é historicamente precisa. As evidências refutaram muitas objeções feitas pelos críticos. Temos todas as razões para acreditar na exatidão dos textos do Novo Testamento. Muitos dos

homens que o escreveram eram hebreus, e os estudiosos concordam que os hebreus eram meticolosos, e suas transcrições, precisas.

3.5.2 - O Testemunho do Antigo Testamento

Lendo a Bíblia com sinceridade e singeleza de coração, convencemo-nos, de imediato: ela é, de fato, a inspirada e inerrante Palavra de Deus. Suas reivindicações quanto à própria inerrância são irrespondíveis.

O exórdio profético: “Assim diz o Senhor”. Através dessa fórmula clássica, os profetas de Jeová apresentavam-se a Israel como mensageiros do Deus de Abraão, Isaque e Jacó (Êx 4.22; Is 30.15; Jr 6.16). Ao mesmo tempo, demonstravam: a Palavra que anunciavam não era propriamente sua; era do Senhor e, como tal, não continha qualquer erro.

Atesta-nos o apóstolo Pedro:

E temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça, e a estrela da alva apareça em vosso coração, sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação; porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo.

IV - A INFALIBILIDADE DA BÍBLIA

Ao tratar da infalibilidade da Palavra de Deus, ousadamente expressou-se Carl F. Henry: “Há apenas uma única coisa realmente inevitável: é necessário que as Escrituras se cumpram”.

sendo visto por eles por espaço de quarenta dias e falando do que respeita ao Reino de Deus” (At 1.3).

4.3 – A Infalibilidade Bíblica e os Seminários

No Brasil, não são poucos os teólogos — e até seminários — que lançam suspeições sobre a infalibilidade das Sagradas Escrituras.

Sob a influência da teologia alemã, que, abandonando os princípios de Lutero e Melancton, presumem que um teólogo de vanguarda é aquele que até do supremo Ser duvida, não mais consideram a Bíblia Sagrada como a infalível Palavra de Deus.

Ouvi um professor afirmar que a verdadeira teologia nasceu na Alemanha; foi estragada na Inglaterra e nos Estados Unidos; e é vorazmente consumida no Brasil.

Não concordo com semelhante assertiva. Apesar dos avanços alemães na área de estudos bíblicos, opto por ficar com os teólogos anglo-americanos.

Até ao presente momento, vêm estes — excetuando-se os liberais — mostrando, além do conhecimento, uma prática de vida cuja piedade é incontestável.

ATIVIDADES – LIÇÃO III

- Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ A palavra “inspiração” vem de dois vocábulos gregos: *theo*, “Deus”; e *pneustos*, “sopro”. Literalmente, significa: “aquilo que é dado pelo sopro de Deus”.

- 2) ☐ Em português, a palavra “inspirar” é originária do verbo latino *inspirare*, que significa: “introduzir ar nos pulmões”.
- 3) ☐ Inspiração Verbal e Plenária da Bíblia é a doutrina que assegura ser a Bíblia, em sua totalidade, produto da inspiração divina.
- 4) ☐ Além da Bíblia, outros livros foram produzidos de maneira sobrenatural e inconfundivelmente divina.
- 5) ☐ Sem a Bíblia Sagrada, estaria a humanidade mergulhada em densas trevas espirituais e morais.
- 6) ☐ A palavra “inerrância” vem do vocábulo latino *inerrantia* e significa, literalmente, “qualidade daquilo que não tem erro; infalível”.

Anotações:

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no handwriting or other markings on the paper.

Anotações:

Lined area for notes.

Lição IV

Revelação Bíblica

REVELAÇÃO BÍBLICA

I – A BÍBLIA COMO PALAVRA DE DEUS

O Senhor se revela à humanidade pela sua majestosa criação, sem linguagem e sem fala (Sl 19.1-3), como Paulo disse: “... as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas...” (Rm 1.20).

E ele se revela aos homens também através de suas consciências, “... quer acusando-os, quer defendendo-os” (Rm 2.14,15).

Mas a revelação mais clara e compreensível do Senhor são as Escrituras, a Palavra de Deus.

Desejoso de salvar a todos (1Tm 2.4), Ele apela para os sentidos humanos, a fim de revelar a sua vontade, e é por meio da Palavra que o homem entende, racionalmente, o plano salvífico (At 8.27-40).

Em que sentido as Escrituras podem ser consideradas a Palavra de Deus, se apresentam mensagens de homens e do próprio Satanás?

Em Romanos 15.4, está escrito: "... tudo que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança".

Mais adiante, Paulo declara: "Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça" (2Tm 3.16, ARA).

A Palavra do Senhor é superior a qualquer revelação e não pode ser contestada por ninguém. O próprio Deus lhe conferiu esta excelência: "... engrandeceste a tua palavra acima de todo o teu nome" (Sl 138.2).

O Senhor inspirou os seus servos, que registraram diversos ensinamentos e exemplos de vida, com o propósito de revelar a sua vontade à humanidade.

Não há contradições nas páginas sagradas, apesar de os autores terem vivido em épocas e lugares diferentes, além de possuírem costumes próprios.

Deus foi capaz de fazer com que um pescador, um pastor de ovelhas, um médico e um grande erudito, por exemplo, escrevessem textos harmônicos e simetricamente coerentes.

II - A CLAREZA DA REVELAÇÃO ESCRITA

Quem se põe a ler as profecias de Nostradamus, se depara com um emaranhado de palavras, frases e orações sem quaisquer nexos. Na obra desse falso profeta, qualquer interpretação é possível.

Eis porque os charlatães, aproveitando-se da ingenuidade das gentes crédulas, jogam com aqueles versos, afirmando que Nostradamus é sempre atual. Mas, na realidade, quem entende aqueles cipoais?

No Brasil, onde o misticismo faz parte de nosso atribulado cotidiano, Nostradamus e seus congêneres nunca foram tão estudados.

Cada vez que um cataclismo sacode o planeta, aparece um intérprete desse falso profeta; e, citando alguma centúria, força um cumprimento bobamente profético que, desmerecendo todas as leis da hermenêutica, parece atual, conquanto não passe de um emaranhado de frases sem nexos.

A Bíblia, porém, é clara e cristalinamente simples; as suas profecias não se escondem em possibilidades; mostram-se em cumprimentos e realizações.

A clareza das Escrituras é uma das doutrinas mais surpreendentes da Palavra do Senhor; mostra-nos que podemos confiar num Deus que se comunica conosco em nossa linguagem; sua mensagem, posto encontrar-se acima de nossa razão, não a contraria; surpreende-a com coisas grandes e jamais cogitadas.

Consideremos, pois, a clareza das Sagradas Escrituras. “Qualidade do que é claro, inteligível e perfeitamente compreensível”. A clareza é conhecida também como perspicuidade.

A clareza da Bíblia é uma de suas principais características, através da qual se torna ela plenamente inteligível aos que se dispõem a examiná-la com um coração reto, humilde e predisposto a aceitá-la como a inspirada, infalível e inerrante Palavra de Deus.

O testemunho da Bíblia quanto à sua clareza. Nas Sagradas Escrituras, deparamo-nos com muitos testemunhos acerca de sua clareza.

No Salmo 19, lemos: “A lei do SENHOR é perfeita e refrigera a alma; o testemunho do SENHOR é fiel e dá sabedoria aos símplices” (Sl 19.7).

Mais adiante, canta o salmista: “A exposição das tuas palavras dá luz e dá entendimento aos símplices” (Sl 119.130).

Consideremos, ainda, este mandamento do Senhor por intermédio de Moisés: “E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te” (Dt 6.6,7).

Ora, se uma criança é capaz de entender a Palavra de Deus, como um adulto ilustrado não a entenderá? Aliás, é a Bíblia tão simples que, para compreendê-la, é mister que nos façamos como as crianças: com um coração puro, ouçamos a voz do Senhor.

III - A SUPREMACIA DA BÍBLIA EM MATÉRIA DE FÉ E PRÁTICA

“A autoridade da Bíblia não provém da capacidade de seus autores humanos, mas do caráter de seu Autor” — foi o que afirmou J. Blanchard.

Se a autoridade da Bíblia é absoluta, como haveremos nós de questioná-la? Se a nossa autoridade é limitada, a da Bíblia não conhece limites; é suprema em matéria de fé e prática. Por conseguinte, que nenhum órgão eclesiástico desafie o que nos deixaram os profetas hebreus e os apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo.

Assim como Israel acatava sem questionar os oráculos do Eterno; e assim a igreja primitiva curvava-se ante

a autoridade das Sagradas Escrituras, devemos nós agir, em temor e grande tremor, a fim de que sejamos havidos como filhos de Deus.

No Brasil, onde a fé evangélica ainda é pura e conserva a simplicidade dos que nos trouxeram a fé, questionar a supremacia da Bíblia Sagrada é algo inimaginável. Desde criança, aprendi: quando a Bíblia fala já não precisamos ter voz alguma.

Infelizmente, vêm aparecendo, nalguns seminários e faculdades teológicas, algumas vozes atrevidas e postulantes que — embaladas pelo orgulho do ungido querubim — põem-se a questionar não somente a Palavra de Deus como ao próprio Espírito que a inspirou.

3.1 – O Que É Autoridade Bíblica?

Vejamos, em primeiro lugar, o que é a autoridade da Bíblia e em que ela consiste.

Oriunda do vocábulo latino *autoritatem*, esta palavra significa: “direito absoluto e inquestionável de se fazer obedecer, de dar ordens, de estabelecer decretos e, de acordo com estes, tomar decisões e agir a fim de que cada decreto seja rigorosamente observado”.

“Poder absoluto e inquestionável reivindicado, demonstrado e sustentado pela Bíblia em matéria de fé e prática. Tal autoridade advém-lhe do fato de ela ser a inspirada, inerrante e infalível Palavra de Deus” (*Dicionário Teológico*, da CPAD).

3.2 - Testemunho da Bíblia a Respeito de sua Autoridade

A Palavra de Deus diz:

À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva (Is 8.20).

E os teus ouvidos ouvirão a palavra que está por trás de ti, dizendo: Este é o caminho; andai nele, sem vos desviardes nem para a direita nem para a esquerda (Is 30.21).

Se alguém cuida ser profeta ou espiritual, reconheça que as coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor (1Co 14.37).

Uma das maiores virtudes da Reforma Protestante foi resgatar, no seio da cristandade, a supremacia da Bíblia Sagrada em matéria de fé e prática. Até então se renegava a doutrina dos apóstolos e dos profetas, colocando a tradição da Igreja Católica Romana acima das Sagradas Escrituras.

E, com isso, cometiam-se os maiores absurdos em nome de Jesus Cristo. Haja vista as Cruzadas, o Tribunal da Inquisição e as perseguições contra os que ousavam pensar diferentemente da hierarquia romana.

Os reformadores, porém, guiados pelo Espírito Santo, recolocaram as Sagradas Escrituras no lugar onde elas sempre deveriam estar: no centro da igreja de nosso Senhor Jesus Cristo, legislando sobre a doutrina e acerca da conduta dos cristãos.

IV - A COMPLETUDE DA BÍBLIA

Há duas verdades quanto às Escrituras Sagradas que andam de mãos dadas: sua autoridade e completude; é impossível dissociá-las.

A primeira é a palavra final em matéria de fé e prática; a segunda não admite quaisquer autoridades que

contrariem a Bíblia, quer diminuindo-lhe a revelação, quer acrescentando outros dados além daqueles que nos foram apresentados pelo Senhor através da inspiração do Espírito Santo.

A seguir, veremos a importância da completude bíblica.

Completude é aquilo que, pela excelência de suas qualidades, satisfaz plenamente, não admitindo acréscimos nem diminuições; é aquilo que é suficiente por si mesmo.

Assim Wayne Gruden define a completude das Sagradas Escrituras:

A Bíblia contém todas as palavras divinas que Deus quis dar ao seu povo em cada estágio da história da redenção e que hoje contém todas as palavras de Deus de que precisamos para a salvação, para que, de maneira perfeita, nEle possamos confiar e a Ele obedecer.

O testemunho da Bíblia quanto à sua suficiência. Dessa forma, exorta Paulo ao jovem Timóteo: “E que, desde a tua meninice, sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus” (2Tm 3.15).

A seguir, o mesmo apóstolo mostra a inspiração como prova da completude da Bíblia:

“Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça.” (2Tm 3.16).

Bem antes de Paulo o legislador dos hebreus, Moisés, exorta Israel a que preserve a doutrina da completude da Palavra de Deus: “Nada acrescentareis à

palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardéis os mandamentos do SENHOR, vosso Deus, que eu vos mando” (Dt 4.2).

Finalmente, no último livro do cânon sagrado, deixa-nos João esta seríssima advertência:

Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro; e, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida e da Cidade Santa, que estão escritas neste livro. Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente, cedo venho. Amém! Ora, vem, Senhor Jesus! A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém! (Ap 22.18-21).

Certa vez, foi lançado um livro, nos Estados Unidos, que — garganteavam seus autores — seria a mais perfeita complementação da Bíblia Sagrada.

Trazendo o “irrevelável” e colocando à disposição dos simples e incautos mortais as palavras seladas de Daniel, a súpula da visão de Paulo e a interpretação das vozes ouvidas por João no Apocalipse, o referido livro era de tal forma poderoso que, apropriando-se alguém dele, não se sustinha em pé; era de imediato arrojado por terra.

Quando a obra me chegou às mãos, examinei-a para constatar apenas impropriedades lógicas, erros gramaticais, estilo paupérrimo e aleijões doutrinários que, ultrapassando as raias do bom-senso, já resvalavam aqui para a heresia, já escorregavam ali para a apostasia, já deslizavam mais além para as garras do pai da mentira.

Se estudarmos atentamente as heresias, constataremos: a maioria delas surgiu porque os seus autores desconheciam esta verdade elementar: a Bíblia é completa em si mesma.

O seu cânone foi encerrado quando João recebeu do Senhor a visão das coisas que, brevemente, devem acontecer. E os pais da igreja, sabedores disso, houveram por bem recusar todos os livros que não tinham condições de figurar no cânon da Bíblia Sagrada.

A Bíblia, pois, não necessita de quaisquer acréscimos: ela é completa em si mesma. Nós, os pentecostais devemos estar atentos a esse artigo de fé e jamais permitir que o dom de profecia, por exemplo, seja exercido de maneira abusiva por alguém que, já não aceitando ser usado pelo Espírito Santo, presume-se muito superior ao Consolador.

Aos Coríntios, deixa Paulo uma exortação mui oportuna. Afirmo o apóstolo que, se alguém busca arrogar-se como profeta ou espiritual, deve saber que as coisas escritas por ele são mandamentos do Senhor.

V – COMO INTERPRETAR A REVELAÇÃO ESCRITA DE DEUS

5.1 – Deveres do Estudioso da Bíblia

5.1.1 – *Amar a Palavra de Deus*

Como Palavra de Deus, a Bíblia tem a sua eficácia comprovada (Hb 4.12), mas para usufruirmos dela precisamos observar alguns deveres. O primeiro é o de *amá-la* (Sl 119.97). Para George Müller, fervoroso pregador do século XIX, o vigor da nossa vida espiritual está na proporção exata

do lugar que a Bíblia ocupa em nossa vida e em nossos pensamentos.

Müller leu as Escrituras de capa a capa mais de 100 vezes, cada vez com mais prazer, e considerava perdido o dia quando não gastava um tempo proveitoso curvado sobre elas.

5.1.2 – Ler a Palavra Diariamente

Outro dever é o de *ler* a Bíblia diariamente (Is 34.16; 1Tm 4.13). Há cristãos que lêem todo tipo de literatura, exceto a Palavra de Deus. É conhecida a história de uma irmã que perdera os seus óculos havia muitos anos.

Ao receber a visita de um pastor, correu para apanhar a sua Bíblia, bastante empoeirada. Ao abri-la, que alegria! Seus óculos estavam dentro dela! Semelhantemente, existem cristãos cujas bíblias há muito tempo não são manuseadas.

5.1.3 – Dar Ouvidos à Exposição da Palavra

O terceiro dever é o de *ouvir* a sua exposição (Jo 8.47). Quem ouve a Palavra do Senhor obtém fé (Rm 10.17), além de ter aumentada a sua capacidade de entender as verdades espirituais (Sl 119.130). E o Espírito Santo não nos lembra apenas do que lemos e estudamos, mas também do que ouvimos (Jo 14.26).

5.1.4 – Guardar a Mensagem da Palavra

Na bem-aventurança tríplice de Apocalipse 1.3, vemos o quarto dever, o de *guardar* as palavras do Senhor. Onde devemos guardar a Palavra?

O salmista responde: “Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti” (Sl 119.11). E esta

resposta está de acordo com o mandamento que o Senhor deu a Moisés (Dt 6.6).

5.1.5 – Praticar o que Está Escrito na Palavra

Para guardar a Palavra no coração, é preciso dedicação e compromisso. Mas um dever ainda mais difícil é o de *praticá-la*, como está escrito em Tiago 1.22-24: “E sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos. Porque, se alguém é ouvinte da palavra, e não cumpridor, é semelhante ao varão que contempla ao espelho o seu rosto natural. Porque se contempla a si mesmo, e foi-se, e logo se esqueceu de que tal era”.

5.1.6 – Manejar Bem a Palavra

O sexto dever é de *manejar bem* a Palavra (2Tm 2.15). E isto significa saber expor os assuntos de forma clara. Vemos isso na pregação de Pedro, no dia de Pentecostes, quando ele discorreu acerca das profecias do derramamento do Espírito Santo de modo esplêndido (At 2.14-41).

Outro exemplo é a exposição do diácono Estêvão, que praticamente resumiu o Antigo Testamento em uma pregação (At 7).

Li, há algum tempo, um artigo em que o autor narrava um divertido episódio fictício de um pregador que não manejava bem a Palavra:

Meus irmãos, um homem descia de Jerusalém para Jericó quando caiu numa plantação de espinhos que começaram a sufocá-lo. Tentando sair da incircuncisa situação, ele gastou todo o seu dinheiro até

ficar pobre, a ponto de comer a comida dos porcos numa fazenda. Foi então que ele encontrou a rainha de Sabá, que lhe deu um prato de lentilhas, cem talentos de ouro, vestidos brancos e um cavalo...

Ao prosseguir viagem, seus cabelos se enroscaram numa árvore, e o homem ficou pendurado por muitos dias, mas os corvos lhe trouxeram comida e água, de sorte que ele comeu cinco mil pães e dois peixes... Uma noite, quando ainda estava suspenso, Dalila, sua mulher, chegou e sorrateiramente cortou seus cabelos. O homem caiu em pedregais escorregadios, mas levantou-se e andou. Então choveu quarenta dias e quarenta noites, e o homem escondeu-se numa caverna, onde se alimentou de gafanhotos e mel silvestre.

Saindo, encontrou um servo chamado Zaqueu, que o convidou para jantar. Mas o homem desculpou-se, dizendo que não podia porque havia comprado uma manada de porcos perdidos como ovelhas sem pastor. Foi então que um leão faminto tragou os porcos, mas Golias derrotou o leão com sua funda e mostrou ao homem o caminho que levava a Jericó...

Ao aproximar-se das muralhas da cidade, ele viu Jezabel na janela. Mas, ao invés de ajudá-lo, ela riu. Indignado o homem bradou em alta voz: Lançai-a fora! E eles a lançaram fora setenta vezes sete. Dos fragmentos foram recolhidos dozes cestos, e disseram: Bem-aventurados os pacificadores... Portanto, irmãos, reflitamos: na ressurreição dos mortos, de quem será esta mulher?

Claro que, por ser ficcional, a narrativa é exagerada, mas não há dúvidas de que aquele que não se dedica ao estudo sistemático das Escrituras corra o risco de cometer falhas semelhantes.

5.1.7 – Interpretar a Palavra Corretamente

O último dever é que ocupará a maior parte deste capítulo é o de interpretar a Palavra de Deus *corretamente*. Note que não basta interpretar os textos sagrados; é preciso fazê-lo corretamente!

Alguém poderá estranhar esta afirmação, mas, se os cristãos não estiverem aptos para isso, quem estará? As testemunhas de Jeová, com as suas concepções anticristãs? Os teosofistas, com o seu panteísmo? Os católicos romanos, com as suas idéias idolátricas? Os mórmons, com as suas idéias poligâmicas? Os teólogos modernistas, com o seu racionalismo?

Jesus confiou a cada cristão, começando pelos seus doze discípulos, a responsabilidade de interpretar os seus mistérios (Mt 13.11). Segue-se que o servo do Senhor, quando se dedica, é capaz de extrair o significado verdadeiro da Bíblia, pois só ele tem a revelação de Deus (Mt 11.25), a ajuda do Espírito Santo (Jo 14.26; 1Co 2.9,10; 1Jo 2.20,27) e a mente de Cristo (1Co 2.16).

Mas, quem deseja interpretar corretamente as Escrituras, além de salvo, deve ser espiritual, pois o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, e o carnal, igualmente, jamais entenderá os propósitos do Senhor (1Co 2.11-15; 2Co 4.4).

VI - COMO INTERPRETAR A BÍBLIA CORRETAMENTE

Em seu excelente livro *Cristianismo em Crise*, Hank Hanegraaff, utilizando a palavra *ligths*, em inglês, mostra como se deve interpretar as Sagradas Escrituras.

Fugindo ao extremismo da interpretação alegórica de Orígenes, e não se detendo naqueles que tudo procuram interpretar de forma literal, mostra-nos Hanegraaff que a Bíblia tem de ser interpretada com muito equilíbrio e precisão.

Fazendo um acróstico da palavra *ligths*, traduzida por *luzes* em português, dá-nos ele uma perfeita síntese da verdade hermenêutica:

L — *Interpretação Literal*

I — *Iluminação Espiritual*

G — *Princípios Gramaticais*

H — *Contexto Histórico*

S — *Simetria Bíblica*

Apesar de o acróstico ter sido feito para o inglês, adapta-se muito bem ao português.

6.1 - Interpretação Literal

Devemos interpretar a Bíblia de modo natural, levando em consideração o que as palavras, em si, realmente significam. Quando nos depararmos com uma parábola, ou com uma metáfora, interpretemo-las de acordo com o método metafórico.

Se o Senhor Jesus, pois, afirma que é a porta, não devemos imaginar madeira, dobradiças e trancas.

Mas, se Ele declara ser o Filho de Deus, por que buscar, nesta passagem, alguma alegoria? O mesmo princípio tem de ser aplicado aos demais textos das Escrituras.

6.2 - Iluminação Espiritual

Se acreditamos, de fato, ser o Espírito Santo o inspirador da Palavra de Deus, é mister crer que, na leitura e interpretação da Bíblia, podemos contar com a sua iluminação.

Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam. Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus. Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus (1Co 2.9-11).

De que forma advém-nos a iluminação? Diz o autor sagrado que a exposição da Palavra de Deus dá-nos luz. Lembremo-nos ainda da exposição que o mesmo Senhor fez aos discípulos no caminho de Emaús.

Enquanto Ele expunha-lhes as Escrituras, sentiam-se eles como que os seus corações ardessem. E foi assim que os viajores passaram a entender que Jesus era, realmente, o Filho de Deus.

6.3 - Princípio Gramatical

Na interpretação da Bíblia, levemos em consideração que foi ela escrita de conformidade com as regras gramaticais. Logo, deve ser interpretada também segundo as mesmas regras. Eis porque é de suma importância ao leitor das Escrituras conhecer as regras básicas da gramática e da sintaxe.

6.4 - Contexto Histórico

Não nos esqueçamos de que a Bíblia foi escrita num contexto histórico-cultural específico. Significa isso que deve ela ser interpretada tendo-se em conta este mesmo contexto. Eis porque é mister que entendamos como viviam os judeus dos tempos bíblicos: suas casas, roupas, profissões, relações sociais, culto, etc. Temos hoje não poucos manuais que nos auxiliam nessa grande tarefa.

6.5 - Ensino Teológico

Embora possamos examinar livremente a Bíblia Sagrada, não podemos descurar o trabalho dos mestres e dos que se afadigam na interpretação da Palavra de Deus. Afinal de contas, os mestres foram-nos dados por Cristo, a fim de que nos aperfeiçoem no conhecimento divino (Ef 4.11).

O eunuco etíope, apesar de ler regularmente a Bíblia, como depreendemos do texto de Atos, só veio a entender o caminho da salvação quando Filipe, sentando-se ao seu lado, pôs-se a falar-lhe de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Por conseguinte, o ensino teológico é imprescindível na interpretação das Sagradas Escrituras.

6.6 - Simetria Bíblica

O mais forte dos princípios da hermenêutica sagrada é que a Bíblia interpreta-se a si mesma. Por isso, não podemos, sob hipótese alguma, fazer doutrinas a partir de passagens isoladas, pois devem estas se harmonizar com o todo. Aí está a simetria. É justamente a harmonia resultante entre as partes e o todo.

Escrita num período de 1.600 anos por quarenta autores das mais variadas ocupações, a simetria da Bíblia é absoluta.

Portanto, ela não entra em contradição consigo mesma, desde que interpretada de conformidade com as regras da hermenêutica.

VII - PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA

7.1 - Primeiro Princípio

A mensagem central da Bíblia é a salvação. E, para entender os processos salvíficos de Deus, não são necessárias grandes investigações.

O assunto é claramente apresentado em três partes, como se vê, especialmente em Romanos: (a) todos pecaram (3.23); (b) o salário do pecado é a morte (6.23); (b) Cristo salva os pecadores (10.9,10).

Apesar disso, como todos os livros, as Escrituras apresentam pontos difíceis de entender (2Pe 3.16), e o estudioso precisa conhecer alguns princípios básicos de

interpretação. Para se aprimorar na arte de interpretar os textos sagrados, é preciso se aplicar ao estudo da Hermenêutica, matéria que se ocupa da correta interpretação bíblica.

O primeiro princípio de interpretação das Escrituras é simples em sua aplicação e não exige grandes conhecimentos adicionais: “A Bíblia interpreta a própria Bíblia”. Em outras palavras, é por meio da leitura bíblica que o cristão mais entende a Bíblia.

Quem lê pouco, sabe pouco. Quem lê muito, sabe muito. Mas ler muito não significa ler por ler. A qualidade da leitura é importantíssima.

Quem se aplica à leitura da Bíblia, por exemplo, entenderá que a guarda do sábado não se refere aos cristãos.

A própria Bíblia assevera que isto foi apresentado como mandamento exclusivamente ao povo israelita que saiu do Egito, sob o comando de Moisés (Êx 20.1-8). Também não é preciso nenhum estudo extrabíblico para se descobrir que os “limites antigos” de Provérbios 22.28 não são ensinamentos, mas sim demarcações de terrenos (Pv 23.10; Dt 19.14; Jó 24.2).

Vários exemplos enfatizam a importância de se ler as Escrituras com o objetivo de permitir que elas mesmas nos façam compreender a correta significação de cada passagem.

Vejamos:

Apartamento de Deus – o texto de Números 14.34 menciona o apartamento de Deus. Um leitor desavisado pensará que se trata de uma morada... Mas o contexto mostra claramente que se trata do afastamento de Deus, em razão do pecado do povo de Israel.

Pão sobre as águas – algumas igrejas lançam a sobra do pão da ceia do Senhor sobre águas correntes, com base em Eclesiastes 11.1. Este texto, contudo, foi escrito muito tempo antes da instituição desse memorial e nem de longe se refere a ele.

Testemunhas de Jeová – os seguidores de Charles Taze Russel se valem de Isaías 43.10 e 44.8 para se apropriarem do título “testemunhas de Jeová”, não observando nos próprios capítulos mencionados que o título em apreço se refere ao povo israelita.

O leviatã – usa-se erroneamente o texto de Jó 41.22 para se afirmar que na presença do Senhor a tristeza salta de prazer, quando o personagem em apreço é o leviatã ou crocodilo, o monstro das águas!

Povo grande e poderoso – semelhantemente ao exemplo anterior, usa-se o texto de Joel 2.3 para se dizer que diante de Deus um fogo consome, quando o texto se refere a um povo grande e poderoso, e não ao Senhor.

A reencarnação – os espíritas entendem o novo nascimento de João 3.3 como a reencarnação, mas a própria Bíblia afirma que se trata do processo de regeneração pela aceitação de Jesus Cristo como Salvador.

O purgatório – os católicos afirmam que 1º Coríntios 3.15 se refere ao purgatório, quando as Escrituras deixam claro que se trata do julgamento dos cristãos mediante as suas obras na Terra.

7.2 - O Segundo Princípio

Muitas das verdades sagradas são apresentadas através de figuras de linguagem. Conhecer essas figuras é um importante princípio de interpretação bíblica.

O texto sagrado apresenta verdades por meio de *metáforas*, termos que se associam a outros, a fim de mostrar a característica de uma pessoa ou coisa (Sl 71.3; Mt 5.14; 6.22).

Jesus mesmo se apresentou metaforicamente como Pão, Porta e Caminho (Jo 6.35; 10.9; 14.6).

Diferentemente da metáfora, que é uma figura não-expressa, percebida apenas pela observação do contexto da passagem, o *símile* se caracteriza, em geral, pela palavrinha “como” (Ap 1.10-20; Is 40.31; Pv 25.25). Em João 1.29, emprega-se uma metáfora acerca do sacrifício de Cristo. Note que ela é direta: “Eis o cordeiro de Deus...” Mas, em Isaías 53.7, a mesma ênfase ocorre, só que por meio de um símile: “... como um cordeiro foi levado ao matadouro”.

Além da metáfora e do símile, outras figuras de retórica são apresentadas nas Escrituras:

- ☒ *Sinédoque* – figura pela qual se emprega o todo pela parte ou vice-versa (At 24.5; Cl 1.23).
- ☒ *Hipérbole* – realça o pensamento pelo emprego de expressão exagerada (Jo 21.25; Sl 6.6).
- ☒ *Prosopopéia* – personificação de coisas inanimadas (Is 55.12; Sl 19.1-3; Pv 1.20-33).
- ☒ *Metonímia* – emprego da causa pelo efeito ou do símbolo pela realidade (Lc 16.29; 1Co 11.26).
- ☒ *Paradoxo* – proposição, idéia ou opinião aparentemente contraditórias (Mt 8.22; 10.39; 23.24; Lc 18.25; 2Co 4.18).
- ☒ *Pleonasmo* – repetição da mesma idéia, redundância de significado (Jo 11.43; 1Rs 19.11; At 14.10).
- ☒ *Ironia* – exprime, aparentemente, o contrário (2Co 11.5,13-15; 1Rs 18.27; Jó 12.2).

7.3 - O Terceiro Princípio

Outra indispensável ferramenta de interpretação da Bíblia Sagrada são os conhecimentos históricos e culturais. Nesse caso, o leitor não deve perguntar “O que isso significa para mim?”, e sim: “O que isso significava para o autor?”

Paulo usou o exemplo do espelho em 1º Coríntios 13.12 para afirmar que ainda vemos as coisas obscuramente, em enigma. Ora, sabemos que o espelho reflete nitidamente a nossa imagem!

O que o apóstolo estaria querendo transmitir? Sabe-se que, naqueles dias, não havia ainda o espelho de vidro, com cobertura prateada. Os espelhos de então eram de metal polido, que refletiam uma imagem embaçada, não nítida.

Em Gênesis 24.2 e 47.29, fala-se de homens colocando a mão debaixo da coxa um do outro, uma atitude estranha para o nosso tempo.

Mas uma análise histórico-cultural mostrará que se tratava de uma forma de se selar um pacto, um juramento. Em seu livro *A Bíblia Através dos Séculos* (CPAD), o pastor Antonio Gilberto aborda esta análise de modo brilhante.

Segundo o pastor Gilberto, “A vida, com os seus usos, leis e costumes, difere de povo para povo, isso modernamente. Imagine-se como não estão distantes os costumes antigos orientais tão citados na Bíblia! Esses fatos, quando não compreendidos hoje, são tidos como aberrações” (p. 179).

VIII – DIFICULDADES BÍBLICAS

Dedico este último tópico desta lição às respostas de algumas perguntas que comumente intrigam leigos e estudiosos. Como disse Pedro, “... *há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem e igualmente as outras Escrituras, para a sua própria perdição*” (2Pe 3.16). Por isso, é preciso estudar detidamente a Palavra de Deus, a fim de obter as respostas do Espírito Santo.

8.1 - Por Que Existem Tantas Interpretações Diferentes?

A nossa Constituição tem sido interpretada das mais diversas formas. Apesar disso, nenhuma dessas interpretações lança qualquer dúvida sobre a sua fonte.

Muitas pessoas se sentem aflitas a respeito do que a Bíblia ensina por causa da diferença de opiniões.

Se tivermos a certeza de que as Escrituras são a Palavra de Deus, essa aflição cairá por terra. Tais pessoas se perturbam com o fato de que o Livro Santo é interpretado de tantas maneiras, podendo se levar por uma perspectiva de relativismo que destruirá completamente a sua fé no significado real das Escrituras.

Na verdade, cometemos com frequência erros lógicos. Recebemos a capacidade de raciocinar, mas não somos perfeitos em nosso poder de raciocínio.

Tiramos inferências ilegítimas, violando a lógica. Por que os salvos em Cristo discordam sobre alguns pontos, se é o Espírito Santo o Intérprete por excelência que nos faz compreender todas as coisas?

Devemos, portanto, respeitando os princípios de interpretação, buscar junto ao Espírito a interpretação correta de cada passagem sagrada.

8.2 - Onde Estão as Escrituras originais?

Manuscritos originais, saídos das mãos dos escritores, não existem nenhum conhecido até o momento. Aliás, se existisse algum, é bem provável que os homens o adorassem mais do que o Autor! Foi assim com a serpente de metal (Nm 21.8,9; Is 45.22), idolatrada pelos israelitas (2Rs 18.4). Da mesma forma, Deus cuidou do sepultamento de Moisés, ocultando o local, pois certamente o povo adoraria seu corpo (Dt 34:5,6). Não seria este o motivo de Satanás querer descobrir onde estava o corpo do patriarca (Jd 9)?

Em todo o mundo, milhões de pessoas adoram a cruz de Cristo, em detrimento do Cristo da cruz. É também o caso da virgem Maria, mais adorada do que Filho de Deus! cremos, por conseguinte, que um manuscrito original das Escrituras viria a ser idolatrado, e isso distanciaria o ser humano da vontade de Deus.

A despeito disso, há algumas razões pelas quais acreditamos não existirem manuscritos originais das Escrituras Sagradas.

Era costume dos judeus enterrarem os manuscritos estragados pelo uso ou qualquer outra causa, para evitar a sua mutilação ou interpolações espúrias. Os reis idólatras e ímpios de Israel também podem ter destruído muitos ou contribuído para isso (Cf. Jr 36.20-26).

Antíoco Epifanes, rei da Síria (175-164 d.C.), durante o seu reinado dominou sobre toda a Palestina. Homem extremamente cruel tinha prazer em aplicar torturas e decidiu exterminar a religião judaica. Assolou Jerusalém,

profanando o templo e destruindo todas as cópias que achou das Escrituras.

Nos dias do imperador romano Diocleciano (284-302 d.C.), os perseguidores dos cristãos destruíram quantas cópias acharam das Escrituras. Durante dez anos, Diocleciano mandou destruir todos os escritos sagrados. Chegou a crer que tivesse destruído tudo, pois mandou cunhar uma moeda comemorando tal vitória.

Mas não é a inexistência dos originais do texto sagrado um motivo para não crermos na Palavra de Deus, pois as cópias utilizadas eram fiéis aos originais. Sabe-se, inclusive, que a missão de Esdras foi reunir e preservar os manuscritos do Antigo Testamento, que serviram para o preparo da *Septuaginta*, primeira tradução das Escrituras.

Os textos que os atuais eruditos empregam no preparo das modernas versões são reproduções de cópias dos originais. Tais manuscritos se harmonizam admiravelmente, assegurando-nos, assim, da sua autenticidade.

Uma confirmação disso são os manuscritos do Mar Morto, encontrados em 1947. Havia um manuscrito do profeta Isaías, em forma de rolo, escrito em hebraico, datado do ano 100 d.C., o mais antigo até então conhecido. Quando comparado com as nossas versões, verificou-se que praticamente não há diferenças!

8.3 - Qual a Utilidade do Antigo Testamento Hoje?

Apesar de o Novo Testamento ser um texto objetivo acerca da salvação, ele teria uma mensagem um tanto confusa, caso o Antigo não existisse. O Velho Testamento cobre um período de cerca de 2.000 anos de história da redenção da humanidade. Isso representa uma

riqueza de informação sobre como Deus agiu em favor de seu povo e da redenção deste mundo.

Não podemos afirmar que o Antigo Testamento seja menos importante que o Novo. Alguns cristãos chegam a pensar que só se deva ler a segunda parte da Bíblia, alegando que a primeira é antiquada e menos relevante.

Há até um sentimento de que existam dois deuses: o do Antigo Testamento seria um Deus de ira, justiça e santidade, enquanto o do Novo, de amor, misericórdia, graça e paz. Isso é, indubitavelmente, uma falácia!

Podemos distinguir os Testamentos, mas não separá-los! O imutável Deus é revelado tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Para Agostinho, “O Antigo Testamento está revelado no Novo, e este está oculto no Antigo”.

Como vimos no primeiro capítulo, o Velho Testamento é a preparação para a manifestação do Messias, apontando para a vinda dele. Por esta razão 3/4 do Novo Testamento é uma citação, ou uma alusão, ou um cumprimento do texto veterotestamentário.

Conquanto haja aspectos do Antigo Testamento que não se apliquem aos nossos dias, isto não significa que devamos negligenciá-lo por completo. Na verdade, ele é um depósito de riquezas de conhecimento para o cristão que deseja investigá-lo. E, como vimos, Cristo, o personagem principal da Bíblia, aparece nele sob figuras, tipos, símbolos etc.

8.4 - Como Saber Se A Bíblia É Verdadeira?

Se a Bíblia não fosse verdadeira, os cristãos de todo o mundo e de todas as épocas estariam em sérias dificuldades. Mas ela é verdadeira, pois Jesus Cristo declarou:

“... a tua palavra é a verdade” (Jo 17.17). E o simples cumprimento das profecias seria suficiente para convencer qualquer pessoa de que estamos lidando com um tipo de literatura sobrenatural e, portanto, longe de qualquer questionamento humano.

Sem dúvida, pode-se provar que a Bíblia Sagrada é verdadeira pela observação, pela experimentação, pelo testemunho ocular, pelo exame e por evidências científicas. Mas, apesar de todas as evidências, somente através da ação do Espírito Santo trabalhando na vida de uma pessoa, ela pode aceitá-la como a Palavra de Deus.

É importante observar que uma pessoa convertida não é programada para crer na Bíblia. Não! Quando o Espírito convence a pessoa a abraçar a verdade, não é porque esteja lhe dando uma percepção especial que não dá a outras ou uma informação que ninguém tenha. Tudo o que ele faz é mudar o coração das pessoas e as suas disposições para com as evidências acerca da veracidade da Bíblia. Deus plantou dentro das Escrituras uma coerência interna que dá testemunho de que elas são, verdadeiramente, a Palavra de Deus.

Assim concluo esta breve exposição do Livro dos livros com esta declaração: “Oh! Quanto amo a tua lei! É a minha meditação em todo o dia!” (Sl 119.97). Que façamos nossas as palavras do salmista!

8.5 - Em Que Sentido A Bíblia É A Palavra De Deus?

A Bíblia é a Palavra de Deus por ter sido inspirada por Ele. Ao longo de suas páginas afirma-se duas mil e oito vezes que Deus é o seu Autor. No Novo Testamento, essa

autoria divina é reclamada 225 vezes, cerca de 50 vezes pelo próprio Senhor Jesus.

Sendo a Palavra viva de Deus, é de se esperar que encontremos nela um vínculo que unifique todos os seus livros, apesar destes terem sido escritos em épocas diferentes e em lugares distintos. Esse vínculo é a apresentação, direta ou indireta, que cada livro bíblico faz da pessoa de Jesus — Exemplo:

- ✠ Em Gênesis, Ele é o Nosso Deus Criador e a Semente da Mulher;
- ✠ Em Êxodo, Ele é o Nosso Cordeiro Pascal;
- ✠ Em Levítico, Ele é o Nosso Sacrifício pelo Pecado;
- ✠ Em Números, Ele é Aquele que Foi Levantado;
- ✠ Em Deuteronômio, Ele é o Nosso Verdadeiro Profeta;
- ✠ Em Josué, Ele é o Capitão da Nossa Salvação;
- ✠ Em Juízes, Ele é o Nosso Juiz-Libertador;
- ✠ Em Rute, Ele é o Nosso Resgatador;
- ✠ Em 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis e 1 e 2 Crônicas, Ele é o Nosso Rei;
- ✠ Em Esdras e Neemias, Ele é o Nosso Restaurador;
- ✠ Em Ester, Ele é o Nosso Advogado;
- ✠ Em Jó, Ele é o Meu Redentor Vivo;
- ✠ Em Salmos, Ele é o Nosso Tudo em Todos;
- ✠ Em Provérbios, Ele é a Nossa Sabedoria;
- ✠ Em Eclesiastes, Ele é a Finalidade da Vida;
- ✠ Em Cântico dos Cânticos, Ele é o Meu Amado;

- ✚ Em Isaías e em Mateus, Ele é o Messias-Rei;
- ✚ Em Jeremias, Lamentações e Romanos, Ele é a Nossa Justiça;
- ✚ Em Ezequiel e em Lucas, Ele é o Filho do Homem;
- ✚ Em Daniel, Ele é a Pedra que Esmigalha os Reinos deste Mundo;
- ✚ Em Oséias, Ele é o que Encaminha o Desviado;
- ✚ Em Habacuque, Ele é o Deus da Minha Salvação;
- ✚ Em Ageu, Ele é o Desejado de Todas as Nações;
- ✚ Em Zacarias, Ele é o Renovo da Justiça;
- ✚ Em Malaquias, Ele é o Sol da Justiça;
- ✚ Em Marcos, Ele é o Servo do Senhor;
- ✚ Em João, Ele é o Filho de Deus;
- ✚ Em Atos, Ele é o Senhor Redivivo;
- ✚ Em Gálatas, Ele é a Nossa Liberdade;
- ✚ Em Efésios, Ele é a Cabeça da Igreja;
- ✚ Em Filipenses, Ele é a Nossa Alegria;
- ✚ Em Colossenses, Ele é a Gloriosa Imagem de Deus;
- ✚ Em 1 e 2 Tessalonicenses, Ele é Aquele que Há de Vir;
- ✚ Em Hebreus, Ele é o Nosso Eterno Sumo Sacerdote;
- ✚ Em Tiago, Ele é o Nosso Modelo;
- ✚ Em Apocalipse, Ele é o Nosso Rei Triunfante.

8.6 - Por Que A Bíblia, Como Um Livro, É Tão Diferente Dos Outros?

A Bíblia é diferente de todos os outros livros pelo fato de conter as origens da criação, as alianças de Deus com os homens, a história de Israel e da Igreja apostólica, as profecias reveladoras do futuro, bem como por revelar o insondável amor de Deus na pessoa de Jesus Cristo como o Salvador do mundo. Portanto, a Bíblia Sagrada poderia ser definida com uma só frase — Ela é a Palavra de Deus.

Como Palavra de Deus, ela não contém erro de qualquer espécie. Um exemplo — Em 1865, críticos da Bíblia relacionaram “50 erros científicos” encontrados nela. Vinte anos mais tarde, nenhum daqueles supostos erros ficou confirmado.

Vale a pena ouvir o que algumas pessoas célebres falaram acerca da Bíblia:

Cardeal Arcoverde disse:

Que regra mais pura e santa, que caminho mais seguro para o homem público, para o político, do que a verdade vinda do céu, pregada e ensinada pela boca de um Deus e registrada no livro do evangelho? Leia-se, pois, medite-se no livro santo do evangelho!

Ivan Espíndola de Ávila, meu colega da Academia Evangélica de Letras do Brasil, disse:

Impressiona-nos, na contemplação do mundo atual, a exatidão das Sagradas Escrituras. Nestes nossos tempos, com precisão admirável,

cumprem-se previsões do velho e bendito livro. Páginas proféticas assumem o sabor de crônicas contemporâneas, em que fatos e feitos, na história e através dos homens, proclamam a veracidade da eterna palavra, que não falhou nem falhará. Por isso é tempo de voltar à Palavra de Deus. E é isso que a humanidade está fazendo, depois de tantas fugas. Depois de procurar tantos caminhos, onde a frustração lhes foi fatal, os homens retornam ao caminho, ao único e verdadeiro caminho. E, nesse caminho, em sentido de libertação e esperança, brilha a palavra, que é luz e lâmpada de Deus.

Charles Spurgeon, famoso pregador inglês, escreveu:

Depois de ter pregado o evangelho por quarenta anos, e de ter impresso os sermões que preguei semanalmente durante trinta e seis anos, tendo estes alcançado o número de 22 mil, creio que devo ter direito a dizer algo sobre a riqueza e a plenitude da Bíblia como o livro do pregador. Irmãos, ela é inesgotável. Não haverá perigo de ficarmos secos se nos apegarmos ao texto deste volume sagrado. Não haverá dificuldade em arranjar assuntos totalmente distintos dos já usados; a variedade é tão infinita como a sua plenitude. Uma longa vida mal dá para ladear as margens deste continente de luz. Nos quarenta anos do meu ministério tenho podido apenas tocar a orla das vestes da verdade divina, mas que virtude já fluiu dela! A Palavra é como o seu Autor — infinita, imensurável, eterna. Se fosses ordenado ao ministério por toda a eternidade, terias na mão tema suficiente para as exigências eternas.

8.7 - Que Tipo De Influência Exerce A Bíblia Em Nossa Sociedade?

Como Palavra de Deus, a Bíblia exerce poderosa e benéfica influência onde quer que é difundida. "Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração" (Hb 4.12,13).

Deus mesmo afirma — "Assim será a palavra que sair da minha boca; não voltará para mim vazia" (Is 55.11), e o apóstolo Paulo fala do evangelho como o "poder de Deus" e da transformação gerada por este mesmo evangelho na vida do que o aceita — "É nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2Co 5.17).

A Bíblia apresenta a si mesma como alimento (Am 8.11), como fogo (Jr 23.29), como luz (Sl 119.105), como leite (1Pe 2.2), como mel e como ouro (Sl 19.10), como espelho (Tg 1.23-25), como martelo que esmiúça a penha (Jr 23.29), como espada (Ef 6.17) e como semente (1Pe 1.23).

A Bíblia é um todo e não pode ser alterada. Acrescentar-lhe ou tirar-lhe algo, seria danificar sua perfeição absoluta (Ap 22.18,19). O cânon da Escritura está fechado. Outras obras lançam luz valiosa sobre ela, mas a Bíblia permanece incomparável, única e completa.

Outra razão que a torna o mais precioso livro do mundo é a sua atualidade. Embora escrita há milênios, sua mensagem é hoje mais atual "do que o jornal que vai circular amanhã", usando as palavras do evangelista Billy Graham. As outras obras, mesmo as mais famosas, perdem a atualidade

porque se prendem unicamente à vida presente. A Bíblia, no entanto, trata tanto desta como da outra vida, abrangendo o presente e o futuro.

Analisando a situação mundial à luz da Bíblia, percebe-se que os ensinamentos desta, se adotados pelas nações, resolveriam os seus principais problemas. Eis alguns exemplos:

- *Provérbios 22.6* — ordena aos pais que instruem os filhos no caminho reto.
- *Romanos 13.6,7* — ensina aos industriais e comerciantes a pagarem devidamente as taxas impostas pela lei.
- *1ª Timóteo 6.1* — ordena que os empregados trabalhem honestamente.
- *Romanos 13.1-5* — ordena ao povo em geral que ore pelos governantes e obedeça às autoridades.
- *1ª Timóteo 2.1-3* — ensina que todos devemos colaborar com o Governo, orando por ele, para que Deus lhe dê uma administração sábia e segura. Tanto este texto como o de Romanos 13.1-5 partem do princípio de que as autoridades, como ministros de Deus, devem ser justas, que castigam os maus e louvam os bons.

Estas passagens da Bíblia, se postas em prática, modificariam completamente a situação do mundo, eliminando a corrupção e as injustiças sociais.

8.8 - Qual O Significado Da Palavra “Bíblia”?

A palavra *bíblia*, como plural de *bíblion*, que no grego significa “livro”, sugere a idéia de livros ou biblioteca. Jerônimo usou a apropriada expressão “biblioteca divina”

para as Escrituras. A Bíblia, na realidade, compõe-se de uma coleção de 66 livros, sendo 39 no Antigo e 27 no Novo Testamento.

Para redigir a sua Palavra, Deus inspirou mais de 40 autores, dentre eles os estadistas Josué e Daniel, o legislador Moisés, o poeta Davi, o sábio Salomão, os profetas Isaías e Jeremias, o médico Lucas, o filósofo Paulo, o coletor de impostos Mateus, e os pescadores Pedro e João. Estes e muitos outros gastaram, ao todo, dezesseis séculos na redação da Bíblia, começando por volta de 1.500 a.C. e terminando no final do primeiro século da nossa era.

A Bíblia divide-se em duas grandes partes — Antigo e Novo Testamentos. O primeiro foi escrito originalmente na língua hebraica, com algumas passagens em aramaico, e se completou cerca de 434 a.C.

O Novo Testamento foi escrito no grego popular, o *koinê*, contendo também algumas frases em aramaico. Teve o seu surgimento entre os anos 53 e 96 d.C. Portanto, entre o último livro do Antigo Testamento e o primeiro do Novo, há um lastro de quase quinhentos anos, no qual se insere um período de tempo chamado interbíblico, em que surgiram os principais livros apócrifos, ou seja, não inspirados por Deus.

Acredita-se que foram os escribas Esdras e Neemias que, por volta de 480 a.C., na grande reforma religiosa daquela época, agruparam os livros do Antigo Testamento na forma como hoje se encontram na Bíblia. Até aquela data, os livros sagrados dos judeus permaneciam separados uns dos outros.

Esses livros agrupados receberam o nome de Texto Massorético (a Massora, corpo de tradições), o único reconhecido pelos judeus como verdadeiro e digno de toda confiança.

Nesse texto, ou nas cópias dele, baseiam-se as bíblias modernas.

Não havendo imprensa de qualquer espécie no período em que foram escritos, todos os livros bíblicos foram redigidos à mão e divulgados por meio de cópias manuais.

Os copiadore, chamados escribas, copistas ou massoretas, tinham tal respeito pelo texto sagrado e tão grande cuidado em não alterá-lo que, antes de iniciarem a cópia de qualquer parte da Bíblia, contavam o número de palavras e letras nela contidas.

Dessa forma, esses homens sabiam o número exato das palavras e letras de cada um dos trinta e nove livros do Antigo Testamento. Sabiam também quantas vezes ocorria cada letra.

Os copistas não admitiam rasuras de espécie alguma. Se, depois de pronta uma cópia, fosse constatada nela algum erro, mesmo o mais simples, tal cópia era totalmente destruída.

Apesar das épocas remotas em que foram copiados os livros bíblicos, a arte da escrita já havia alcançado significativo progresso, principalmente quanto à qualidade da tinta — uma mistura de carvão com um líquido desconhecido, capaz de conservar-se maravilhosamente durante muitos séculos.

8.9 - Quais E O Que São Os Chamados Livros Históricos Da Bíblia?

Os hebreus denominavam de *Primeiros Profetas* os livros Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, considerando-os, porém, como quatro. Eles contrastam esses livros com os *Últimos Profetas*, que eram Isaías, Jeremias, Ezequiel e os

Doze Profetas Menores, também considerados como quatro livros.

Os termos *primeiros* e *últimos* não se referem necessariamente à sua cronologia histórica, mas ao primeiro e segundo grupo de livros. Os primeiros fornecem o cenário histórico aos últimos.

A designação desses livros históricos como “profetas” enfatiza o fato de que apresentam uma história religiosa ou com um objetivo religioso. Os primeiros profetas são históricos; os últimos, exortativos.

É interessante observar que Jesus, na parábola dos lavradores maus, que vem a ser a história resumida de Israel, menciona que o proprietário da vinha enviou seus servos em dois grupos, os primeiros e os últimos.

Afirma a Bíblia que “os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, entenderam que era a respeito deles que Jesus falava” (Mt 21.45).

A denominação de *históricos* classifica em geral os doze livros de Josué a Ester. Diferem dos livros de Moisés, os quais também são históricos quanto à ênfase fundamental.

O Pentateuco traça a história redentora desde a criação até a morte de Moisés, mas dá destaque à aliança e aos alicerces legislativos de Israel.

Os livros históricos, por outro lado, dramatizam o movimento histórico da nação durante toda a sua história na Palestina. Embora contenham temas religiosos e interlúdios exortativos (vários ciclos de juízes e profetas), a investida maior é no desenvolvimento histórico de Israel.

Sua autoria — Todos os doze livros históricos são anônimos, em contraste com os últimos profetas, todos identificados. Foram visivelmente escritos ou compilados por vários indivíduos que possuíam o dom profético.

Quatro desses são geralmente considerados como tendo como autores principais — Josué, Samuel, Jeremias e Esdras. Este último com o auxílio editorial do sumo sacerdote Eleazar, além dos profetas Natã e Gade.

É evidente que Jeremias foi auxiliado na compilação de Reis pelo seu secretário, Baruque. Na maioria dos casos, foram aproveitados nesses livros vários documentos e crônicas, usados sob a orientação do Espírito Santo pelos autores ou compiladores.

Movimento histórico — Estes livros registram a história de Israel desde a ocupação da Palestina sob a liderança de Josué, passando pelas apostasias que levaram o povo a ser expulso pelos assírios e babilônios, até a restauração parcial pelos persas. O período cobre cerca de 1.000 anos, de 1405 até 425 a.C.

Estes livros dão a estrutura histórica ao restante do Antigo Testamento até a época de Neemias e Malaquias. Vão de Moisés, o legislador, até Esdras, mestre da lei. As palavras finais de Moisés, em Dt 28-30, constituem uma introdução excelente aos livros históricos. Ou, digamos, os livros demonstram exatamente o que Moisés disse naqueles capítulos sobre o que seria feito pelo Senhor no caso de serem ou não obedientes.

ATIVIDADES – LIÇÃO IV

- Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ Desejoso de salvar a todos (1Tm 2.4), Ele apela para os sentidos humanos, a fim de revelar a sua vontade, e é por meio da Palavra que o homem entende, racionalmente, o plano salvífico.
- 2) ☐ A Palavra do Senhor é superior a qualquer revelação e não pode ser contestada.
- 3) ☐ No Brasil, onde a fé evangélica ainda é pura e conserva a simplicidade dos que nos trouxeram a fé, questionar a supremacia da Bíblia Sagrada é algo inimaginável.
- 4) ☐ Se estudarmos atentamente as heresias, constataremos: a maioria delas surgiu porque os seus autores conheciam esta verdade elementar: a Bíblia é completa em si mesma.
- 5) ☐ Jesus confiou a cada cristão, começando pelos seus doze discípulos, a responsabilidade de interpretar os seus mistérios.
- 6) ☐ Quem lê pouco, sabe pouco. Quem lê muito, sabe muito. Mas ler muito não significa ler por ler. A qualidade da leitura é importantíssima.

Lição V

Preservação e Tradução Bíblica

PRESERVAÇÃO E TRADUÇÃO BÍBLICA

I – DEUS PRESERVA A SUA MENSAGEM

1.1 - A Palavra De Deus É Reta

Quando o salmista asseverou ser reta a Palavra do Senhor, quis ele deixar bem claro que nela inexistiam erros ou ilogicidades. Logo, ela é plena e absolutamente confiável: “Porque a palavra do SENHOR é reta, e todas as suas obras são fiéis” (Sl 33.4).

O que levou o salmista a se expressar dessa forma? Sabia ele muito bem que Deus está presente em toda a sua Palavra. É o que disse Donald Grey Barnhouse: “O caminho mais curto para se entender a Bíblia é aceitar o fato de que Deus está falando em cada linha”.

1.2 - A Palavra De Deus É Pura

“Toda palavra de Deus é pura; escudo é para os que confiam nele” (Pv 30.5). Por que fez o sábio semelhante assertiva? Ele confiava na inerrância das Sagradas Escrituras. Ao afirmar serem estas puras, estava reafirmando: elas não comportavam nenhum erro; são a mais alta expressão da verdade.

Pode o Autor divino cometer erros comezinhos quanto à geografia, cultura e etnografia? O pastor e teólogo inglês Matthew Henry testemunha acerca da inerrância absoluta da Bíblia: “As palavras das Escrituras devem ser consideradas palavras do Espírito Santo”.

1.3 - A Palavra De Deus É Eterna

Há documentos mais antigos que a Bíblia? Sua errância, entretanto, tornou-os de tal forma obsoletos e desatualizados que, hoje, somente são usados como peças paleográficas.

Haja vista o *Código de Hamurábi*. Concernente à Bíblia, é a eterna contemporânea de todas as gerações. Na verdade, livros há que, embora vindos à luz depois das Escrituras, fizeram-se logo desatualizados; alguns não foram além da primeira edição.

Mas a Palavra de Deus é eterna. Edith Deen escreveu: “A Bíblia jamais envelhece”. Diante de sua perenidade, cantou o profeta Isaías: “Seca-se a erva, e caem as flores, mas a palavra de nosso Deus subsiste eternamente” (Is 40.8).

1.3.1 - Os Escritores do Novo Testamento

Os autores do Novo Testamento asseveram a completa inerrância da Bíblia. Estes, que também escreveram inspirados pelo Espírito Santo e de forma inerrante, atestam a infalibilidade das Sagradas Escrituras do Antigo Testamento.

Para denotar a inspiração sobrenatural e infalível da Palavra de Deus, usam os apóstolos várias expressões-chave:

- ☒ *Gegryptai*. Esta alocação significa, literalmente, “está escrito” (Rm 9.13). Warfield desta forma comenta a força dessa expressão: “Tudo o que for escrito como *gegryptai* tem caráter normativo porque é garantido pelo poder inescapável de Javé, Rei e Legislador”.
- ☒ *Ta logia*. “Os oráculos de Deus”. Em Romanos 3.2, lemos: “Aos judeus foram confiados os oráculos de Deus”. O comentário a seguir é de Edwim A. Blum: “A interpretação mais adequada do texto de Romanos 3.2 remete a todo o Antigo Testamento, e não a passagens específicas dele”.
- ☒ *Graphe*. Este vocábulo é usado no Novo Testamento, quer no singular, quer no plural, mais de cinquenta vezes. Shrenk dessa maneira discorre acerca dessa palavra: “De acordo com a concepção judaica tardia, a Escritura tem importância normativa, possui autoridade e é sagrada. Sua validade é permanente e incontestável”.

Ressaltamos que a Bíblia atesta a sua inerrância não somente quanto ao Antigo Testamento, mas, igualmente, quanto ao Testamento Novo (2Pe 3.14-18; 1Co 11.23; 14.37).

Na Segunda Epístola de Paulo a Timóteo, deixa o apóstolo bem patente que toda a Escritura é inspirada: “Toda a Escritura é inspirada por Deus...” (2Tm 3.16, ARA).

1.3.2 - O Testemunho Interno Quanto À Inerrância Da Bíblia

Além de todos os testemunhos arrolados, há que se levar em conta, de igual forma, o testemunho interior do Espírito Santo. Lendo as Sagradas Escrituras, sentimos que estamos diante da inspirada e inerrante Palavra de Deus.

Aliás, esta foi uma das maiores divisas da Reforma Protestante: *Testimonium Spiritus Sancti internum*.

Há uma passagem no Evangelho de Lucas que ilustra de modo surpreendente essa evidência. Refiro-me aos discípulos no Caminho de Emaús. Ouvindo o Senhor Jesus discorrer-lhes sobre as passagens messiânicas do Antigo Testamento, um deles expressou o que ambos naquele momento sentiam: “Porventura, não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava e quando nos abria as Escrituras?” (Lc 24.32). O que é isso senão uma evidência do testemunho interno do Espírito Santo?

1.3.3 - Testemunhos Externos

Os mais conceituados teólogos aceitam, defendem e proclamam a inerrância da Bíblia Sagrada como a infalível Palavra de Deus.

Têm-na como uma das colunas do cristianismo; sem ela, a nossa fé não teria qualquer razão de ser.

- 1) *Tomás de Aquino* é incisivo quanto a essa verdade: “Em parte alguma pode haver falsidade no sentido literal das Escrituras Sagradas”.
 - 2) *Agostinho* também é contundente: “Creio firmemente que nenhum daqueles autores errou em qualquer aspecto quando escreveu”.
-

- 3) *Martinho Lutero* mostrou-se firme quanto à inerrância bíblica: “Aprendi a atribuir infalibilidade apenas aos livros chamados canônicos, de forma que creio confiantemente que nenhum de seus autores cometeu erros”.
- 4) *Charles Spurgeon*, como príncipe dos pregadores, enuncia: “Deus escreve com uma pena que nunca borra, fala com uma língua que nunca erra, age com uma mão que nunca falha”.

II - AS TRADUÇÕES DA BÍBLIA

2.1 – As primeiras Traduções da Bíblia

Como consequência dos setenta anos de cativeiro na Babilônia, e em virtude da forte influência do aramaico, a língua hebraica se enfraqueceu. Todavia, fiéis à tradição de preservar os oráculos em sua própria língua, os judeus não permitiam, ainda, que fossem esses livros sagrados vertidos para outro idioma.

Alguns séculos mais tarde, porém, essa atitude exclusivista e ortodoxa teria de dar lugar a um senso mais prático e liberal. Com o estabelecimento do império de Alexandre o Grande, a partir de 331 a.C., o grego popularizou-se a ponto de tornar imprescindível uma tradução da Sagrada Escritura para essa língua.

Segundo o escritor Arestas, a tradução grega foi feita por setenta e dois sábios judeus (daí o seu nome Septuaginta), na cidade de Alexandria, a partir de 285 a.C., a pedido de Demétrio Falário, bibliotecário do rei Ptolomeu Filadelfo.

Terminada trinta e nove anos mais tarde, essa versão assinalou o começo de uma grande obra que, além de preparar o mundo para o advento de Cristo, deveria tornar conhecida de todos os povos a Palavra de Deus. Na igreja primitiva, era essa versão conhecida de todos os crentes.

Nem todos os livros do Antigo Testamento, infelizmente, foram bem traduzidos na *Septuaginta*, razão pela qual Orígenes, por volta de 228 d.C., compôs a Hexapla, ou versão de seis colunas, contendo a versão grega dos Setenta e as três traduções gregas do Antigo Testamento efetuadas por Áquila do Ponto, Teodoro de Éfeso e Símaco de Samaria.

Estas Três últimas foram realizadas, respectivamente, em 130, 160 e 218 d.C. Além destas, constavam nas duas últimas colunas o texto hebraico e o mesmo texto em grego.

Esta grandiosa obra, constituída de cinquenta volumes, perdeu-se provavelmente quando os sarracenos saquearam Cesaréia em 653 d.C.

Em 382 d.C., o bispo Dâmaso encarregou Jerônimo de traduzir da Septuaginta para o latim o livro dos Salmos e o Novo Testamento, o que ele fez em três anos e meio. Mais tarde, um novo bispo assumia a direção da Igreja em Roma e percebia, com inveja, a grande cultura e influência de Jerônimo.

Este, perseguido e humilhado, se dirige a Belém, na Terra Santa, e ali estuda e trabalha durante trinta e quatro anos na tradução de toda a Bíblia para a língua latina. Jerônimo escreveu ainda vinte e quatro livros de comentários

bíblicos, um conjunto de biografias de eremitas, duas histórias da igreja primitiva e diversos tratados.

Mais tarde, a Bíblia de Jerônimo ficou conhecida como *Vulgata* (vulgar), e foi a base de todas as traduções durante os mil anos seguintes. No concílio de Trento (1545-1547), a igreja católica proclamou a *Vulgata* como a autêntica versão das Escrituras em latim, e pronunciou um anátema “sobre qualquer pessoa que afirmasse que qualquer livro que nela se achava não fosse totalmente inspirado em toda a parte”.

Discordando da posição do concílio tridentino, muitos eruditos modernos acham a *Vulgata* uma tradução pobre, com algumas falhas graves.

2.2 – Os Códices E Manuscritos Bíblicos

A partir do quarto século depois de Cristo, os livros cristãos passaram a ser escritos em código, do latim *codice*, palavra derivada de *caudex*, que era uma tabuinha coberta de cera, na qual se escrevia com um estilete metálico denominado *stylus*.

O código era a “forma característica do manuscrito em pergaminho, e assim denominada por oposição à forma do rolo” (Aurélio). Reunidos por um cordão que passava por orifícios feitos no alto dos exemplares, à esquerda, os códigos ficavam em forma de livro, portanto bem mais práticos de serem manuseados que os antigos rolos.

Os mais importantes códigos são:

O *Sinaítico* — produzido cerca de 325 d.C., contém todo o Antigo Testamento grego, além das epístolas de Barnabé e parte do Pastor de Hermas. Foi encontrado pelo sábio alemão Constantino Tischendorf, em 1844, no mosteiro de Santa Catarina, situado na encosta do Sinai. Tischendorf viu 129 páginas do manuscrito numa cesta de papel, para serem lançadas ao fogo. Percebendo o seu enorme valor, levou-as para a Europa. Em 1859 voltou ao mosteiro e encontrou as páginas restantes. Doada pelo seu descobridor a Alexandre II, da Rússia, essa preciosidade foi posteriormente comprada pela Inglaterra pela vultosa quantia de cem mil libras esterlinas. Está no Museu Britânico desde 1933.

O *Alexandrino* — de meados do quarto século d.C., contém o Antigo Testamento grego e quase todo o Novo, com omissões de 24 capítulos de Mateus, cerca de quatro de João e oito da Segunda Carta aos Coríntios. Contém ainda a Primeira Epístola de Clemente de Roma e parte da Segunda. Está no Museu Britânico.

O *Vaticano* — do quarto século d.C., contém o Antigo e o Novo Testamento com omissões. Está na Biblioteca do Vaticano.

O *Efraemi* — produzido por volta de 450 d.C., acha-se na Biblioteca Nacional de Paris.

O *Baza* — encontrado por Teodoro Baza no mosteiro de Santo Irineu, na França, em 1581, está vinculado ao quinto século d.C., e encontra-se atualmente na Biblioteca de Cambridge, Inglaterra.

O *Washington* — produzido nos séculos quarto e quinto d.C., acha-se no museu Freer, na capital dos Estados Unidos.

Há, ainda, vários outros códices de menor importância, expostos em museus e bibliotecas de várias partes do mundo. Somente de livros do Novo Testamento, completos ou em fragmentos, conhecem-se hoje 156.

Em se tratando de manuscritos em rolos, o mais antigo e o mais importante de todos foi encontrado casualmente em 1947 por um beduíno, numa bem dissimulada gruta, nas proximidades de Jericó, junto ao mar Morto. Examinado pelo professor Sukenik, da Universidade Hebraica de Jerusalém, revelou-se pertencer ao terceiro século antes de Cristo.

Contém o livro completo de Isaías e comentários de Habacuque, além de outras importantes informações sobre a época em que foi escondido. É mais conhecido como — Os Rolos do Mar Morto.

2.3 – A Primeira Tradução Em Português

A primeira tradução da Bíblia em português foi realizada por João Ferreira de Almeida, na Batávia, Ilha de Java (hoje, esta cidade se chama Jacarta e é a capital da Indonésia). Nascido em Portugal, em 1628, Almeida foi ministro do Evangelho da Igreja Reformada Holandesa.

Almeida traduziu primeiro o Novo Testamento, publicado em 1681, em Amsterdam, Holanda. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro há um exemplar da terceira edição do Novo Testamento de Almeida, preparada em 1712. Ele não conseguiu concluir o Antigo Testamento, deixando este trabalho a cargo de seus amigos.

Em 1809, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, de Londres, começou a publicar a tradução do Novo Testamento de Almeida. Dez anos depois, publicou a Bíblia completa. O texto foi publicado a primeira vez no Brasil em 1944 pela Imprensa Bíblica Brasileira.

Esta publicou em 1951 a edição *Almeida Revista e Corrigida* (ARC). Outra versão, a ARA (*Almeida Revista e Atualizada*), foi preparada por uma comissão de especialistas brasileiros entre 1945 e 1955, e o seu texto é belíssimo, um valioso documento da Língua Portuguesa.

2.4 – Outras Traduções

Além da tradução de Almeida, destacamos:

Antônio Pereira de Figueiredo, padre católico romano, especialista em latim, editou em Portugal o Novo Testamento, em 1778, e o Antigo, em 1790.

Tradução Brasileira, feita por uma comissão de teólogos brasileiros e estrangeiros. O Novo Testamento foi publicado em 1910, e o Antigo, em 1917. É uma tradução muito fiel ao original.

Huberto Rhoden, padre brasileiro, de Santa Catarina. Sua versão foi publicada em 1935 e é muito apreciada pelos eruditos.

Matos Soares, padre brasileiro que preparou uma tradução a partir da *Vulgata*, versão latina. Foi publicada no Brasil em 1946 e, desde então, é a Bíblia popular dos católicos romanos. Um grave inconveniente desta tradução são os itálicos, às vezes tendenciosos e mais extensos do que o texto sagrado.

Versão da Imprensa Bíblica Brasileira. A IBB lançou em 1968, após anos de cuidadoso trabalho, uma nova versão em português, conhecida como VIBB, baseada na tradução de Almeida. Nessa versão foram utilizados os melhores textos em hebraico e grego.

A Bíblia de Rahmeyer é uma tradução completa, ainda hoje inédita, feita em meados do século XVIII pelo comerciante hamburguês Pedro Rahmeyer, que então residia em Lisboa. O manuscrito está na Biblioteca do Senado de Hamburgo, na Alemanha.

2.5 – Conclusão Da Matéria

Como filhos de Deus, não podemos nos afastar jamais das Sagradas Escrituras; destas, todos dependemos vitalmente. Quanto mais as lermos, mais íntimos seremos de seu Autor. Os maiores santos e campeões de Deus fizeram-se tão afeiçoados à Bíblia que vieram a ser confundidos com o Livro dos livros.

E nós? Como nos comportaremos diante da Bíblia Sagrada? Não podemos relegá-la a um plano terciário: tanto na igreja de Cristo como em nossa vida, deve ela ocupar sempre o primeiro lugar. Se assim não a considerarmos, jamais nos tornaremos aptos para a vida eterna.

Houve um tempo, em nossa pátria, em que nós os crentes éramos de tal forma identificados com a Bíblia Sagrada que os incrédulos taxavam-nos de “os bíblias”.

Zombando dos santos que, altaneiramente, iam para o templo levando a sua Bíblia junto ao peito, não imaginavam aqueles escarnecedores que as suas palavras, antes de nos constituírem uma afronta, eram-nos um louvor singular. Aliás, se de fato somos povo de Deus, temos de ser

identificados com o Livro de Deus. Nós também, à semelhança dos israelitas, somos o povo do livro.

ATIVIDADES – LIÇÃO V

- Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ Quando o salmista asseverou ser reta a Palavra do Senhor, quis ele deixar bem claro que nela inexistiam erros ou ilogicidades.
- 2) ☐ Além de todos os testemunhos arrolados, há que se levar em conta, de igual forma, o testemunho interior do Espírito Santo.
- 3) ☐ Como consequência dos setenta anos de cativo na Babilônia, e em virtude da forte influência do aramaico, a língua grega se enfraqueceu.
- 4) ☐ A partir do quarto século depois de Cristo, os livros cristãos passaram a ser escritos em códice, do latim *codice*, palavra derivada de *caudex*, que era uma tabuinha coberta de cera, na qual se escrevia com um estilete metálico denominado *stylus*.
- 5) ☐ A primeira tradução da Bíblia em português foi realizada por John Calvino, na Batávia, Ilha de Java.
- 6) ☐ Como filhos de Deus, não podemos nos afastar jamais das Sagradas Escrituras; destas, todos dependemos vitalmente. Quanto mais as lermos, mais íntimos seremos de seu Autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*, 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ALMEIDA, Abraão de. *201 Respostas*, Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Dicionário Teológico*, Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*, Volume II, São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- ARRINGTON, French L. & STRONSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- BANCROFT, E. H. *Teologia Elementar*, Imprensa Batista Regular, Rio de Janeiro, 1989.
- BAUMGARTNER, Koehler. *The Hebrew & Aramaic Lexicon of the Old Testament*, 2 vols. Leiden/Boston/Köln: Brill, 2001.
- BERGSTÉN, Eurico. *Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1999.
- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.
- BOYER, Orlando. *Daniel Fala Hoje*. Rio de Janeiro: CPAD.
- _____. *Espada Cortante*. CPAD, 2ª ed., 2006, Rio de Janeiro-RJ.
- BROWN, Colin. *Filosofia e Fé Cristã*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Edições Vida Nova, 1985.
- BRUCE, F.F. *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo — Filipenses*. São Paulo: Editora Vida, 1992.
- CALVINO, João. *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*, 4 vols. 2ª ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.
- CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática*, 4 vols. São Paulo: Hagnos, 2003.
- _____. *Systematic Theology*. Dallas Seminary, TX-USA.
- CHAMPLIN, R.N. *O Novo Testamento Interpretado — Versículo por Versículo*. Editora Milenium. Vol. I: MT 2.1-12, 1982
-

-
- _____. *O Novo Testamento Interpretado — Versículo por Versículo*. Editora Candeia, São Paulo-SP.
- _____. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Editora e Distribuidora Candeia, 4ª ed., 1997, São Paulo-SP.
- _____. *O Antigo Testamento Interpretado — Versículo por Versículo*. CPAD, HAGNOS, 2ª ed., 2001, Rio de Janeiro-RJ.
- _____. *Introdução à Teologia Cristã*, São Paulo, SP, Casa Nazarena de Publicações.
- DOCKERY, David. *Manual Bíblico Vida Nova*. Edições Vida Nova, 1ª ed., 2001, reimpressão 2002, São Paulo-SP.
- DUFFIELD, Guy P. *Fundamentos da Teologia, Vol. I*. São Paulo: Quadrangular, 2002.
- _____. *Fundamentos da Teologia Pentecostal*, São Paulo, 1991, Editora Quadrangular.
- ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. Edições Vida Nova, 1ª ed., 1997, reimpressões 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2005, São Paulo-SP.
- EVANS, William. *The Great Doctrines of the Bible*. Moody Press, Chicago-USA.
- GILBERTO, Antonio. *A Bíblia Através dos Séculos*. Rio de Janeiro: CPAD, 1986.
- _____. *Daniel e Apocalipse*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- _____. *Manual da Escola Dominical* 25ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.
- _____. *O Calendário da Profecia*. Rio de Janeiro: CPAD, 1989.
- _____. *O Fruto do Espírito*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- _____. *Verdades Pentecostais*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- GRUDEM, W. *Manual de Teologia Sistemática*. Editora Vida, 1ª. Edição, 2001.
- _____. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2003.
- HARRIS, R. Laird & ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE & Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998.
- HENDRIKSEN, William. *Comentários do Novo Testamento — Filipenses*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.
-

- HENRY, Mathew. *Classic Sermon Outlines*. Hendrickson Publishers, 2001, second printing november 2002, Peabody, Massachusetts-USA.
- _____. *Comentário Bíblico*, Ed.CLIE, 1999
- HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. HAGNOS, 1ª ed., março de 2001, reimpressão julho de 2001, agosto de 2003, São Paulo-SP.
- HORDERN, William E. *Teologia Contemporânea*, Hagnos, São Paulo, SP, 2004.
- HORTON, Stanley M. & MENZIES, William W. *Doutrinas bíblicas — uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- HORTON, Stanley M., *Teologia Sistemática*, Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- HUNT, Dave. *Em Defesa da Fé Cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- JOHNSON, Phillip E. *Ciência, Intolerância e Fé*. Viçosa: Editora Ultimato, 2004.
- LACY, G.H. *Introducción a la Teologia Sistemática*, 1886, El Paso, Estados Unidos, Casa Bautista de Publicaciones.
- LANGSTON, A.B. *Esboço de Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: JUERP, 1977.
- LIM, David. *Spiritual Gifts — a Fresh Look*, Gospel Publishing House, Springfield, MO-USA.
- MCGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.
- MELO, Joel Leitão de. *Sombras, Tipos e Mistérios da Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD, 1989.
- MORRIS, Henry M. *A Bíblia e a ciência moderna*. S. Paulo: Imprensa Batista Regular, 1965.
- MULLER, Richard A. *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms*. Grand Rapids, MI, USA: Baker Book House, 1993.
- NELSON, Wilton M. *Nuevo Diccionario Ilustrado de la Biblia*. Nashville, TN/ Miami, FL, USA: Editorial Caribe, 1998.
- _____. *Nuevo Diccionario Ilustrado de La Biblia*. Editorial Caribe, 1998, printed in USA.
- OLSON, N. Lawrence. *O Plano Divino Através dos Séculos*, 13ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1992.
- PACKER, J.I. *Teologia Concisa*, Editora Cultura Cristã, Campinas, SP, 1999.
- RICHARDS, Lawrence O. *Guia do Leitor da Bíblia*. CPAD, 2005, Rio de

Janeiro-RJ.

SCOFIELD, C.I. *Manejando Bem a Palavra da Verdade*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1993.

SEVERA, Zacarias de Aguiar, *Manual de Teologia Sistemática*, Curitiba, PR, 1999, A. D. Santos Editora.

SHEDD, R.P. *O Novo Dicionário da Bíblia*, 3 vols. São Paulo: Edições Vida Nova, 1981.

STRONG, Augustus H. *Teologia Sistemática*. S. Paulo: Editora Teológica, 2002.

_____. *Teologia Sistemática*, 2 vols. São Paulo: Hagnos, 2003.

TAYLOR, Richard S. *Diccionario Teológico Beacon*. Kansas

THIESSEN, Henry Clarence. *Palestras em Teologia Sistemática*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 2001.

VÁRIOS. *Teologia Sistemática Pentecostal*, Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

VINE, W. E. & UNGER, Merrill F. & WHITE JR., William. *Dicionário Vine*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

ZIBORDI, Ciro Sanches. *Erros que os Pregadores Devem Evitar*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

_____. *Evangelhos que Paulo Jamais Pregaria*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

_____. *Perguntas Intrigantes que os Jovens Costumam Fazer*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

Versões bíblicas, Bíblias de estudo, dicionários e enciclopédias

Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal. Versão Almeida Revista e Corrigida. CPAD, edição de 1995, Rio de Janeiro-RJ.

Bíblia de Estudo Pentecostal. CPAD, 1995, Rio de Janeiro-RJ.

Bíblia de Estudo Dake. CPAD, 2009, Rio de Janeiro-RJ.

Bíblia de Jerusalém. Paulus, 1995, São Paulo-SP.

Bíblia Explicada. Mc NAIR, S. E.. CPAD, 6ª ed., 1985, Rio de Janeiro-RJ.

Bíblia Hebraica Stuttgartensia. Stuttgart, Germany: Deutsche Bibelgesellschaft, 1988.

Bíblia Sagrada com as referências e anotações de Dr. C. J. Scofield. Imprensa Batista Regular do Brasil, 1983, Kissimmee, Florida-USA.

Bíblia Vida Nova. Edições Vida Nova, 3ª ed., 1980, São Paulo-SP.

-
- Cajado do Pastor, O.* World MAP, 1ª ed., 1998, reimpressão fevereiro de 2002, Burbank, CA-EUA.
- Catecismo Maior de Westminster, O.* São Paulo, SP. Editora Cultura Cristã, 2002.
- Conciso Dicionário Bíblico.* Imprensa Bíblica Brasileira, 1990, Rio de Janeiro-RJ.
- Enciclopédia Judaica.* Vol. V. Editora e Livraria Sêfer Ltda, 1989.
- Enciclopédia Mirador Internacional.* Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1987, São Paulo-SP.
- Enciclopédia Seleções.* *Rio de Janeiro: Seleções do Readers Digest, 2004.
- Good News Bible — Today's English Version.* American Bible Society, 1992, New York, USA.
- Greek New Testament, The.* Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft/United Bible Societies, 1994.
- La Sainte Bible.* Alliance Biblique Universelle, 1998, Paris-France.
- Novo Comentário da Bíblia, O.* Edições Vida Nova, 2ª ed., 1972, reimpressão 1976, São Paulo-SP.
- Novo Dicionário da Bíblia O.* Edições Vida Nova, 4ª ed., 1981, São Paulo-SP.
- Septuaginta,* edição de Alfred Rahlfs, 2 vols. Stuttgart, Germany: Deutsche Bibelstiftung, 1935.
- Soncino Chumash, (The).* London: Soncino Press, 1964.
- The Living Bible — Paraphrased.* Tyndale House Publishers, 1971, Wheaton, Illinois, USA.
- The Quest Study Bible.* New International Version. Zondervan Publishing House. Grand Rapids, Michigan-USA.
- Vulgata Latina.* Stuttgart, Germany: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

